

Corumbella

MATO GROSSO DO SUL FAZ CIÊNCIA

ANO 5 - N 05 - ABR-JUN 2021 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - ISSN 2318-308X

ENTREVISTA

Julio Croda fala sobre o papel da ciência de MS no combate à pandemia

NO FOCO DA IMUNIZAÇÃO

MS avança na imunização dos povos indígenas

FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Da universidade para a linha de frente

Ciência de MS na linha de frente contra a Covid-19

Esta edição especial da *Revista Corumbella* mostra os desafios e o trabalho árduo de cientistas de MS no combate ao avanço do novo coronavírus no Estado



Corumbella

DIRIGENTES

Reinaldo Azambuja Governador do Estado de Mato Grosso do Sul

Jaime Elias Verruck Secretário de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar - SEMAGRO

Laércio Alves de Carvalho Reitor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Márcio de Araújo Pereira Diretor-presidente da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul - FUNDECT

COORDENADOR

André Mazini Coordenador do Projeto Mídia Ciência de Divulgação Científica

PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL

Rafaella L. P. Peres coordenadora / diagramação e finalização

Gabriela Dalago diagramação

Gabriela Longo diagramação

Giovanna Silva diagramação

COLABORADORES

texto Eduarda Rosa

texto Emmanuely Castro

texto Rubens Urue

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DE TEXTOS E FOTOS SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

1.000 exemplares tiragem

Gráfica Cedro impressão

Trimestral | abril a junho de 2021 periodicidade

OPINIÕES E SUGESTÕES

Envie suas opiniões e sugestões por e-mail e participe da Corumbella

midia.ciencia.ms@gmail.com

CONTATO

R São Paulo, 1436
Monte Castelo
79010-050
Campo Grande - MS
(67) 3316-6700

EQUIPE CORUMBELLA + MÍDIA CIÊNCIA (MC+)

Naiane Mesquita jornalista | editora chefe da Corumbella

Caio Teruel jornalista

Gabriela Longo estudante de jornalismo

André Mazini jornalista | coordenador do Mídia Ciência

Diogo Rondon jornalista | coordenador de comunicação da Fundect

Giovanna Silva estudante de jornalismo

Rafaella L. P. Peres designer gráfica | coordenadora de design

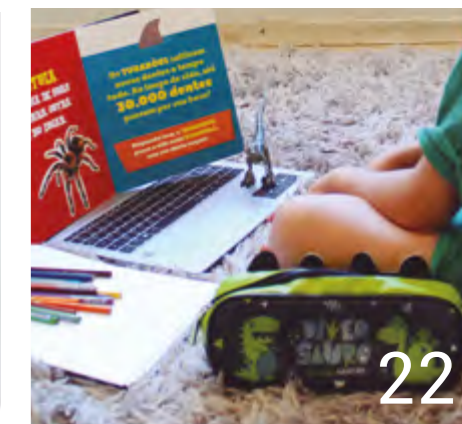
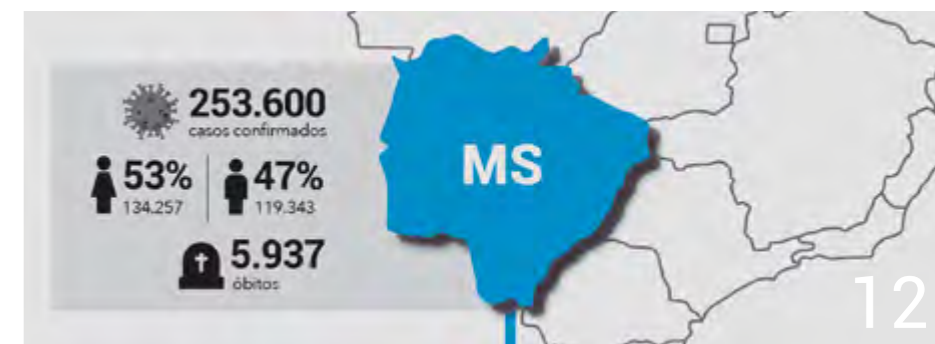
Gabriela Dalago estudante de jornalismo

PROJETO **MC+**

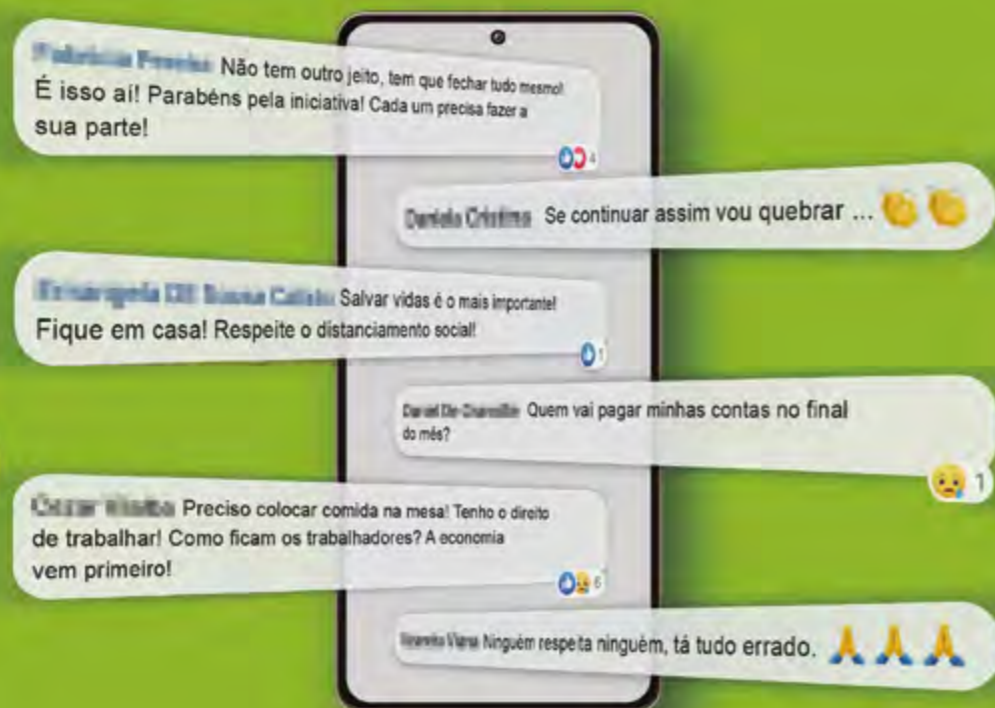


ABRIL / JUNHO 2021

- 08 Entrevista**
O papel da ciência e dos cientistas de MS na pandemia da Covid-19
- 12 COVID-19 em números**
Saiba mais sobre a trajetória da pandemia em MS
- 16 No foco da imunização**
Vacinação indígena avança
- 20 Pesquisa**
Cientistas de MS contribuem em pesquisa sobre vacinas no País
- 22 Novos caminhos para a educação**
Ensino em tempos de pandemia da Covid-19
- 24 Negócios do futuro**
Estado se consolida como um dos polos em empreendimentos inovadores
- 28 Formação universitária**
Da universidade para a linha de frente
- 32 Arquitetura do confinamento**
A pandemia mudou o cotidiano e trouxe novas necessidades para a casa
- 19** As dores da pandemia
- 26** Sequelas da Covid-19
- 36** E para a economia, tem vacina?
- 37** A pesquisa em tempos de pandemia
- 38** A reinvenção da arte



EM UM CONFLITO TODO MUNDO GRITA E CADA UM TEM UM POUCO DE RAZÃO.



O FATO É QUE, ATÉ CHEGAR SUA VEZ DE VACINAR, SÓ TEM UM JEITO: AGIR COM RESPONSABILIDADE.

Porque senão o comércio vai continuar fechando e as pessoas vão continuar morrendo.

Não brinque com a vida!

Juntos podemos vencer o vírus e tudo isso vai passar.

Até lá, proteja-se ;)



PRESENTE, RESPONSÁVEL E TRANSPARENTE.

EDITORIAL

A importância vital da ciência no combate ao coronavírus

texto André Mazini - Jornalista, pesquisador e coordenador do Projeto Mídia Ciência

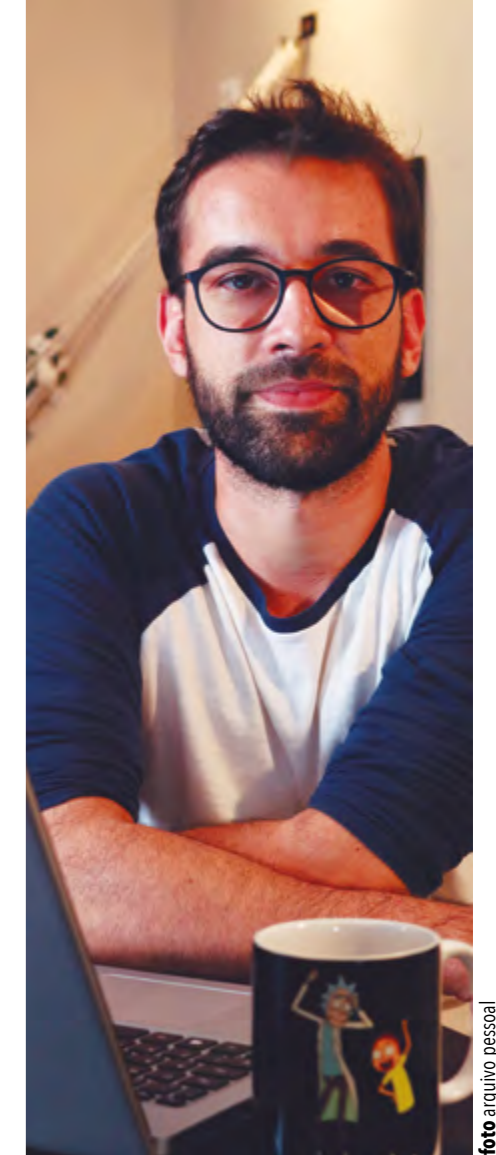


foto arquivo pessoal

É com um profundo sentimento de missão que apresentamos a nova edição da Corumbella, a primeira revista sul-mato-grossense de jornalismo científico. Missão porque é exatamente assim que encaramos a tarefa de defender a ciência nas atuais circunstâncias, valorizar e dar visibilidade ao trabalho desenvolvido por pesquisadores do Estado e contribuir para que os conhecimentos desenvolvidos em nossas universidades cheguem até a vida prática das pessoas.

Nesta edição, as reportagens abordam as repercussões e as transformações na sociedade, na saúde, na economia e até na arquitetura que se impuseram desde que a pandemia se tornou uma realidade. O que há de comum em todas essas abordagens é que, na Corumbella, ouvir o que a ciência sul-mato-grossense tem a dizer sobre esse novo cenário é a maior prioridade editorial. Nesse espaço a maior autoridade é o(a) cientista, por isso todas as reportagens trazem entrevistas e análises de professores e pesquisadores das principais Instituições de Ensino Superior de Mato Grosso do Sul.

Exemplo disso está na entrevista com o médico infectologista Julio Croda, que é pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz e professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Croda, que tem se firmado como uma das principais autoridades brasileiras no acompanhamento da pandemia no País, destaca que, além da importância vital de produzir ciência, as universidades do Estado colocaram a mão na massa e deram suporte logístico no enfrentamento à pandemia. “As instituições públicas de pesquisa do Estado não fizeram só pesquisa, mas fizeram também assistência, gerando um resultado em tempo oportuno para as pessoas”, diz Croda.

Outro destaque relevante desta edição está na reportagem que faz um apanhado geral de dados e indicadores da Covid-19 no Estado. Mais do que uma simples matéria jornalística, o levantamento é um raio-x da evolução do vírus em Mato Grosso do Sul oferecendo um panorama sobre número de casos, óbitos e recuperações, regiões mais afetadas

e outros indicadores que ajudam a entender o momento que estamos vivendo e como chegamos até aqui.

A Revista Corumbella é uma produção do Projeto Mídia Ciência de Jornalismo Científico, financiado a partir da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (Fundect) e Governo do Estado.

A você que segue na leitura desta edição convidamos a conhecer também as redes sociais do @midiaciencia e a se engajar na defesa da ciência, na valorização da universidade pública brasileira e na luta contra o negacionismo, doença cuja única vacina ainda é a informação confiável.

Boa leitura a tod@s! ■

OPINIÃO

A UEMS não parou

texto Laércio Alves de Carvalho -
Reitor da UEMS

Hmais de um ano, a “normalidade” sofreu um revés devido ao vírus Sars-Cov-2, causador da doença Covid-19 e declarado pandêmico pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020. Ainda que hoje o advento das vacinas represente esperança – e devemos ser gratos à ciência e aos pesquisadores envolvidos por isso – ainda há muito o que ser feito em relação aos impactos sanitários e econômicos.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) percorreu a trajetória de desafios desde o início da pandemia e tem superado as dificuldades com esforço institucional construído a várias mãos – por docentes, técnicos e discentes. A Universidade não parou frente à ameaça da Covid-19. Realizamos ações junto à nossa comunidade acadêmica e à população do Estado em várias frentes, sempre com responsabilidade.

Assim procedemos em 2020 e seguimos em 2021 do mesmo modo, com atividades adaptadas ao formato remoto e produzindo Ensino, Pesquisa e Extensão com eficiência e qualidade. Resgatamos o nosso Vestibular de modo exitoso. Vimos o prestígio da UEMS se destacar em diversos níveis: interinstitucional, governamental, entre os parlamentares sul-mato-grossenses – seja na Assembleia Legislativa Estadual, seja na Bancada Federal do MS.



foto arquivo pessoal

Nas prefeituras ofertamos soluções às demandas encaminhadas: aprovamos quatro novos cursos. Concretizamos reformas internas importantes e empreendemos reformas e obras de infraestrutura emblemáticas, dentre as quais, os Auditórios de Dourados e de Aquidauana.

Diante da pandemia, o trajeto adotado pela UEMS nos concedeu reconhecimento. A nossa Universidade não parou quando: coordenou a formação instrucional a profissionais de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI); desenvolveu a Campanha “UEMS Solidária”, a qual arrecadou 15 toneladas de alimentos e distribuiu a mil famílias de diferentes municípios do Estado; aprovou a não suspensão do Calendário Acadêmico em nosso primeiro e histórico Conselho Universitário Virtual. A decisão foi atrelada a garantias desafiadoras, e todas elas foram cumpridas, seja com as mais de 16 mil impressões de materiais didáticos destinadas aos alunos indígenas da Unidade

de Amambai, que não possuem rede de internet, seja com a não interrupção de pagamentos de bolsas ou com a concessão de auxílio internet emergencial aos nossos estudantes.

A UEMS contou com a parceria de diversas secretarias estaduais, dentre as quais, a Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (Sedhast), Secretaria de Estado de Governo e Gestão Estratégica do Mato Grosso do Sul (Segov), Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED), Secretaria de Estado de Saúde (SES), além das prefeituras dos municípios que sediam as Unidades Universitárias, de modo a garantir que nossos acadêmicos e acadêmicas prosseguissem com seus estudos. Nosso Ensino segue forte, nossa Pesquisa prossegue inovadora, nossa Extensão continua a ampliar o atendimento da população no Mato Grosso do Sul. Seguimos transformando a sociedade sul-mato-grossense com protagonismo e com o carinho que nosso povo merece ■

OPINIÃO

A hora e vez do empreendedorismo tecnológico

texto Márcio Pereira - Diretor-
presidente da Fundect



foto arquivo pessoal

Quando as Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs) reuniram-se em agosto de 2019, durante a Reunião do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa, na cidade São Paulo, muito se debateu sobre o papel destas fundações, destacando que, além de apoiar projetos científicos e tecnológicos, passaram a desempenhar também o essencial papel de estimular o empreendedorismo tecnológico por meio do financiamento de projetos de startups.

Este encontro foi um marco por definir uma estratégia conjunta entre as FAPs alinhadas também com as demandas de órgãos federais ligados ao fomento tecnológico, tais como a Financiadora de Projetos – Finep, principal parceira institucional das FAPs no estímulo a ideias e projetos e inovadores.

Por meio da Finep sobressaem dois grandes Programas que têm dinamizado o apoio ao empreendedorismo de base tecnológica e inovadora: o Tecnova, destinado

ao apoio a empresas que queiram desenvolver produtos, serviços ou processos inovadores, e o Centella, destinado ao apoio a ideias que geram produtos, serviços ou processos inovadores. Programas muitos próximos, e complementares que reforçam o papel das FAPs como estratégicas no empreendedorismo tecnológico.

Programas recentes como o Catalisa Sebrae, que preveem acelerar o processo de inovação em empresas, Governo, academia e sociedade, amplificando o intercâmbio de conhecimento de forma digital, democrática e escalável, ao qual a Fundect já aderiu, também contribuem para impulsionar o desenvolvimento tecnológico do Estado de MS.

Além destes investimentos diretos a ideias e empresas inovadoras, a Fundect apoia importantes ambientes de inovação, tais como o Living Lab (Sebrae) e Litech (OAB), onde são amparadas ideias, projetos e empresas inovadoras.

Com todo este empenho e os investimentos mencionados, não é por acaso que o Estado de Mato Grosso do Sul encontra-se em posição de destaque no Ranking de Competitividade dos Estados do Centro de Liderança Pública (CLP). No pilar Inovação lidera o ranking do indicador Bolsa de Mestrado e Doutorado e no indicador Empreendimentos Inovadores ocupa o terceiro lugar.

A Fundect, seguindo seu planejamento estratégico e plano de gestão, preparou-se para este momento, adequando suas normas internas ao Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação, treinando equipes e firmando importantes parcerias para apoio a projetos por meio de subvenção econômica.

Há ainda um grande caminho a ser percorrido, porém o Estado segue em posição de destaque por preparar-se para um futuro que já chegou, com importantes programas e investimentos, reconhecendo que é a hora e vez do empreendedorismo tecnológico ■

O papel da ciência e dos cientistas de MS na pandemia da Covid-19

Infetologista, Julio Croda tornou-se um dos médicos mais requisitados pelos veículos de comunicação durante a pandemia do coronavírus. Pesquisador pela Fundação Oswaldo Cruz e professor associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Croda tem experiência na área de vigilância das doenças transmissíveis, como tuberculose, arboviroses e, agora, a Covid-19

texto Naiane Mesquita



foto arquivo pessoal



foto Divulgação Governo do Estado de Mato Grosso do Sul

Para o pesquisador, que acompanha desde o início a pandemia, e alertou diversas vezes sobre a importância de medidas de prevenção para evitar o contágio, é função de cada professor e cientista se comunicar em uma linguagem mais simples com a população. "Nós não podemos fechar nas nossas universidades", acredita Croda.

Nesta entrevista, o médico infectologista fala sobre o papel da ciência no combate ao coronavírus, como os cientistas de Mato Grosso do Sul desenvolveram pesquisas para diminuir os



impactos da pandemia e a importância de combater as *fake news*. Confira a entrevista:

Corumbella: Qual foi o papel da ciência no combate ao coronavírus e na diminuição dos impactos da pandemia para a sociedade?

Julio Croda - A ciência, no momento da pandemia, ganhou um espaço privilegiado. Na minha opinião foi uma excelente oportunidade para a gente debater a ciência e para entender o impacto dela nas nossas vidas. Discutimos muito a respeito de como o vírus é transmitido na co-

munidade, o que vinha a ser taxa de contágio, que é um termo epidemiológico, como que a gente pode controlar o vírus através das medidas não farmacológicas, como que os testes de diagnósticos são utilizados, quais são os melhores testes de diagnósticos, como a vacina funciona, quais são os diferentes tipos de plataformas de vacinas e o que é eficácia, um termo eminentemente científico, que foi tema de debate e aprendizado por toda uma população. A ciência tornou-se o foco da sociedade, então apesar de gente ter muitas *fake news*, prin-

cipalmente no Brasil, a sociedade estava sedenta por informação de qualidade em relação à ciência, mais especificamente em relação à Covid-19. Em contrapartida, os órgãos e os gestores, principalmente a nível federal, de alguma forma negaram a ciência e prejudicaram a resposta à pandemia. Então tivemos que contar muito com os meios de comunicação e as redes sociais, no sentido de esclarecer a população de forma independente do governo.

C: Como o senhor avalia a atuação da comunidade científica

de Mato Grosso do Sul no combate à pandemia?

JC: Nós temos grupos de pesquisa que estão realizando diversos projetos e responderam adequadamente a solicitação de auxílio em relação à pandemia. A gente pode falar um pouco a respeito das universidades públicas e privadas. A UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) emprestou equipamentos ao Lacen (Laboratório Central de Mato Grosso do Sul), a própria UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) auxiliou no drive-thru de Dourados, a UFMS (Universidade Federal de

Mato Grosso do Sul) no drive-thru de Campo Grande e a Fiocruz junto com a Embrapa no Drive-thru de Corumbá. Então, além de ciência, houve uma prestação de serviço, uma assistência que foi fundamental para o Estado responder à pandemia e a gente ter uma das menores letalidades do País, que é 1.8. A letalidade está relacionada ao acesso à testagem, principalmente dos casos leves. As instituições públicas de pesquisa do Estado não fizeram só pesquisa, mas elas fizeram também assistência, gerando um resultado em tempo oportuno para pessoas que precisavam de

exame confirmatório da doença, isso é um ponto positivo. Além disso, diversos hospitais universitários tanto de Campo Grande quanto de Dourados, atenderam a população e atenderam pessoas com Covid.

C: Esse auxílio das universidades no combate ao coronavírus também ajudou na aproximação da população com a ciência e a educação superior, tendo em vista que as universidades sofreram um processo de descrédito nos últimos anos?

JC: Com certeza. Aproximou mostrando que a universidade pode gerar um serviço de qualidade em tempo oportuno, se for demandada, se tiver infraestrutura adequada. Com o sucateamento das universidades, mesmo nesse momento difícil de baixo financiamento, elas conseguiram ajudar e responder, do ponto de vista da assistência.

C: Em relação às pesquisas, como a ciência de MS produziu conhecimento?

JC: Tivemos diversos estudos em diferentes unidades. O que eu conheço mais e vou tratar para vocês são das pesquisas desenvolvidas na UFMS e UFGD, porque eu tenho relação com essas duas universidades federais, além da Fiocruz. Então, consigo traçar um panorama. Na UFGD, por exemplo, no Laboratório de Pesquisas e Ciências da Saúde, além de fazer a testagem, a professora Simone Simionatto ganhou um projeto de avaliação de Covid-19 na população indígena, via CNPq, por uma chamada específica, em relação, principalmente, a população indígena. Além disso, nós temos uma rede de pesquisa que envolve a UFMS, Fiocruz e UFGD, denominada Rebracovid, que é uma rede de pesquisa clínica do novo coronavírus, com financiamento da Fiocruz, através do edital

Inova e também do Ministério da Saúde, via Departamento de Ciência e Tecnologia.

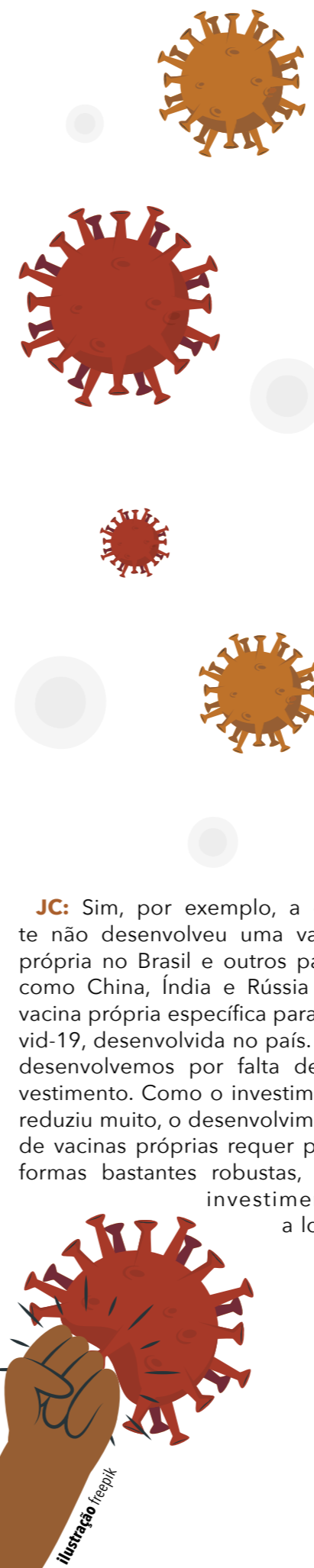
“ Nós não podemos nos fechar nas nossas universidades e nos institutos de pesquisa e esperar que a sociedade valorize ciência, tecnologia, ensino, sem uma aproximação mais adequada, sem uma linguagem mais acessível, sem estar disponível para conversar com toda a imprensa e todas as classes sociais a respeito de ciência ”

Há dois sítios aqui, que são da rede Rebracovid, um em Dourados, que é coordenado pelo professor Fábio Juliano Negrão, e outro coordenado por mim aqui em Campo Grande. Então, o objetivo da rede Rebracovid é acompanhar casos e contatos de pessoas que tiveram a doença ou não, para avaliar a transmissão entre eles, a diferente resposta entre casos e contatos e para a gente entender como se dá essa transmissão. Além disso, a gente vai acompanhar os pacientes que evoluíram cronicamente com a doença, identificando

sequelas importantes e diferenças na resposta imune que estão associadas a essas sequelas. Esse projeto, especificamente da sequela, também tem apoio do próprio Governo Federal, que transferiu recursos para a UFMS e UFGD para fazer esse tipo de estudo e o diagnóstico específico do novo coronavírus. O professor James Venturini e a [pesquisadora] Mariana Croda também estão envolvidos nesse projeto de sequela a longo prazo e resposta imunológica do paciente. Além disso, nós tivemos um estudo de plasma que foi coordenado por mim no Hospital Cassems e Hospital Regional de Mato Grosso do Sul, que não mostrou benefício. A pesquisa de avaliação de plasma no tratamento clínico dos pacientes com Covid, pacientes que são admitidos em Unidade de Terapia Intensiva, não mostrou benefício e já estamos escrevendo um artigo junto com a USP Ribeirão Preto.

Também tivemos dois estudos de vacina que foram realizados em Campo Grande, na UFMS. Um coordenado pela Ana Lyrio que é a professora da UFMS, coordenadora do curso de Medicina, que avaliou a Coronavac aqui e um estudo da BCG, que também ainda está em avaliação. O estudo busca compreender se a vacina BCG protege ou não do coronavírus e é coordenado por mim. Por fim, tivemos a pesquisa da Sandra Leoni, que é a avaliação de infecção através de uma coorte de profissionais de saúde. A cada 15 dias, ela avaliava uma coorte de mais de 500 profissionais de saúde, colhia RT-PCR para avaliar infecção sintomática e assintomática. Inclusive ela viu que 50% das infecções foram assintomáticas.

C: A pandemia mostrou que a falta de investimentos a longo prazo em pesquisa pode ser nociva para o País?



JC: Sim, por exemplo, a gente não desenvolveu uma vacina própria no Brasil e outros países como China, Índia e Rússia tem vacina própria específica para Covid-19, desenvolvida no país. Não desenvolvemos por falta de investimento. Como o investimento reduziu muito, o desenvolvimento de vacinas próprias requer plataformas bastantes robustas, com investimentos a longo

prazo, coisa que não teve no Brasil e isso reflete agora.

C: Por que as pessoas estão tão preocupadas com a origem das vacinas para o coronavírus? Um movimento que não existiu no passado, em outras imunizações.

JC: Pela difusão de *fake news*. Como existiu uma dificuldade de aquisição dessas vacinas por conta do planejamento adequado e de assinaturas de contratos específicos. No momento em que as vacinas foram lançadas, o Governo Federal, que é o responsável pela compra de vacinas, não tinha o número de doses e, até hoje não tem, o número de doses necessárias para a gente ter uma campanha de vacinação maciça. A gente sabe que os estudos são feitos, são estudos sérios e a Anvisa [Agência Nacional de Vigilância Sanitária] avalia todos esses estudos.

C: Há uma estimativa de quando a população será imunizada?

JC: É difícil. Acho que vai ser todo o ano de 2021 e talvez a gente entre em 2022.

C: O que vem pela frente na pandemia?

JC: A nova variante do novo coronavírus é o grande desafio. Ela é mais transmissível e pode trazer mais impacto para o sistema de saúde. É importante a gente monitorar o surgimento dessas novas variantes, principalmente, em relação à perda da eficácia da vacina, perda da proteção em relação à vacina, que é a única solução para um melhor controle da doença.

C: A longo prazo, quais são os ensinamentos da pandemia para o País?

JC: Eu acho que o grande ensinamento é que a gente tem que

valorizar cada vez mais a ciência, no sentido de preservar vidas. A ciência gera evidências importantes sobre o que a gente deve fazer em relação à pandemia, a ciência gera soluções definitivas que são as vacinas. Eu acho que a sociedade como um todo deve valorizar mais a ciência, deve se unir aos pesquisadores e instituições de pesquisa, no sentido de garantir recursos para que o Brasil se torne uma liderança nesse campo e esse investimento seja transformador da realidade do país, do ponto de vista de autonomia na produção de diagnóstico e na autonomia da produção de vacinas.

C: Como nós podemos combater as fake news e o processo de desvalorização da ciência?

JC: É com muito diálogo. É função de cada professor, cada professor que está em instituição de pesquisa, tentar se comunicar melhor com a população, em uma linguagem mais simples e com informação de qualidade. Eu acho que é importante que a gente se aproxime mais da sociedade, através de uma comunicação simples e efetiva com essa sociedade. Se a ciência quer ser valorizada, ela tem que dar um retorno para a sociedade e tem que se comunicar de forma simples. Nós não podemos nos fechar nas nossas universidades e nos institutos de pesquisa e esperar que a sociedade valorize ciência, tecnologia, ensino, sem uma aproximação mais adequada, sem uma linguagem mais acessível, sem estar disponível para conversar com toda a imprensa e todas as classes sociais a respeito de ciência ■

CORONAVÍRUS EM NÚMEROS

O primeiro caso de coronavírus em Mato Grosso do Sul foi diagnosticado no dia 14 de março de 2020, poucos meses depois da notícia de que haviam infectados com um vírus misterioso na cidade de Wuhan, na China. Ao longo de pouco mais de um ano, a pandemia se tornou uma realidade difícil para a população, que precisou adotar medidas de biossegurança, mudar hábitos cotidianos e lutar pela sobrevivência. Para a ciência, o Sars-Cov-2 se mostrou um inimigo complexo, mas possível de ser vencido por meio do conhecimento e, principalmente, da vacinação. Para compreender um pouco desse processo, a *Revista Corumbella* vai contar essa história por meio de gráficos, que mostram o avanço do vírus no Estado e como ele atingiu a população ao longo de 2020 e 2021.

texto Naiane Mesquita **infográfico** Gabriela Longo | Gabriela Dalago | Giovanna Silva e Rafaella Peres



NÚMEROS TOTAIS
em 06/05/2021

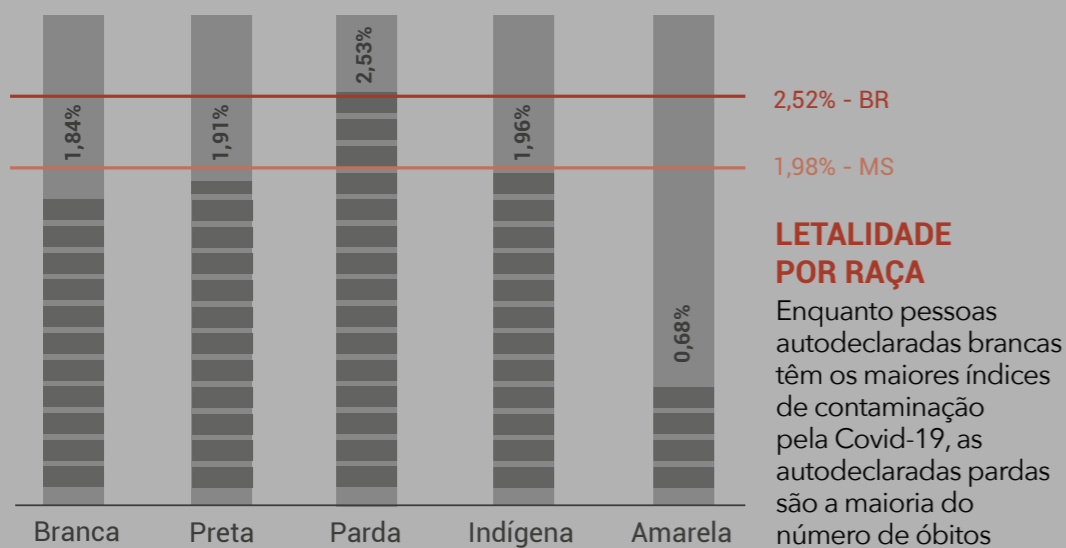


Evolução de casos confirmados durante pandemia de Covid-19 em MS

os números apresentados são referentes ao acúmulo dos dados de casos e óbitos no estado

fonte Boletim Epidemiológico - Covid-19, de 14 de abril de 2021, disponibilizado pela Secretaria do Estado de Mato Grosso do Sul (SES/MS)





fonte Nota técnica "Letalidade de pessoas pardas pela Covid-19 em Mato Grosso do Sul é maior que a média da população" (UEMS, 2021)

20,62% da população sul-matogrossense tomou a primeira dose da vacina

7,90% da população sul-mato-grossense tomou as duas doses da vacina

72% das primeiras doses aplicadas em MS foram da Coronavac

19% das primeiras doses da Coronavac foram aplicadas em idosos de 70 a 74 anos

7% das aplicações de 2ª dose foram da AstraZeneca

24% das aplicações de 2ª dose foram em profissionais da saúde

fonte Vacinômetro em 07/05/21, disponibilizado pela SES/MS

fonte Vacinômetro em 01/05/21, disponibilizado pela SES/MS

DEZEMBRO/20
2.337 óbitos até o último dia de dezembro

14/01/21
147.249 casos

18/01/21
1º dia de vacinação em MS

150.944 casos

JANEIRO/2021
2.906 óbitos até o último dia de janeiro

14/02/21
170.522 casos

FEVEREIRO/21
3.314 óbitos até o último dia do mês de fevereiro

03/03/21
184.117 casos

1º caso da nova cepa

19/03/21
200.017 casos

MARÇO/21
4.371 óbitos até o último dia de março

ABRIL/21
5.759 óbitos até o último dia de abril

07/05/21
254.715 casos

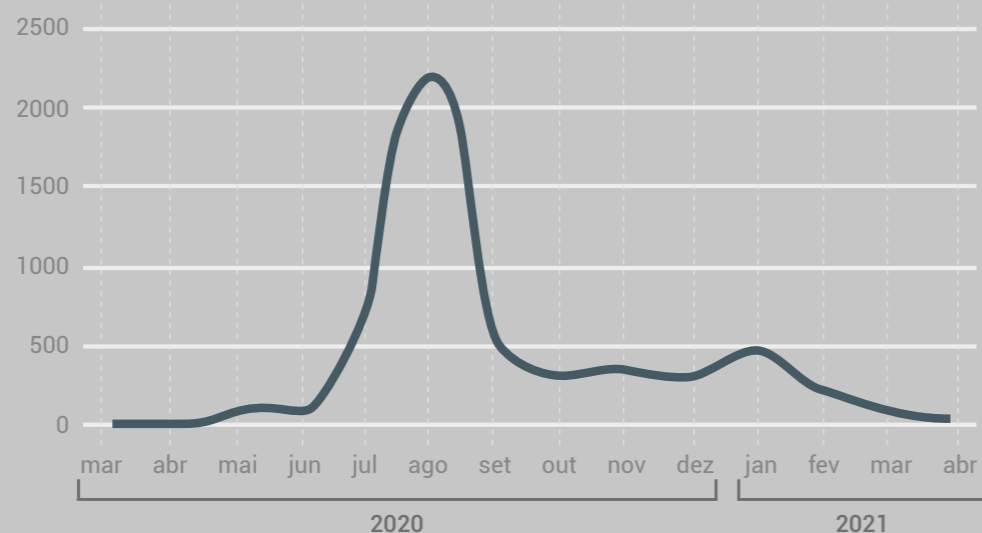
14/04/21
232.849 casos

MAIO/21
até o dia 6 de maio: 5.937 óbitos

VACINAÇÃO NA POPULAÇÃO INDÍGENA 2020/2021

A vacinação já apresenta seus primeiros resultados. Enquanto em janeiro de 2021 foram confirmados 455 casos de Covid-19 em pessoas autodeclaradas indígenas, em abril foram registrados apenas 45 casos

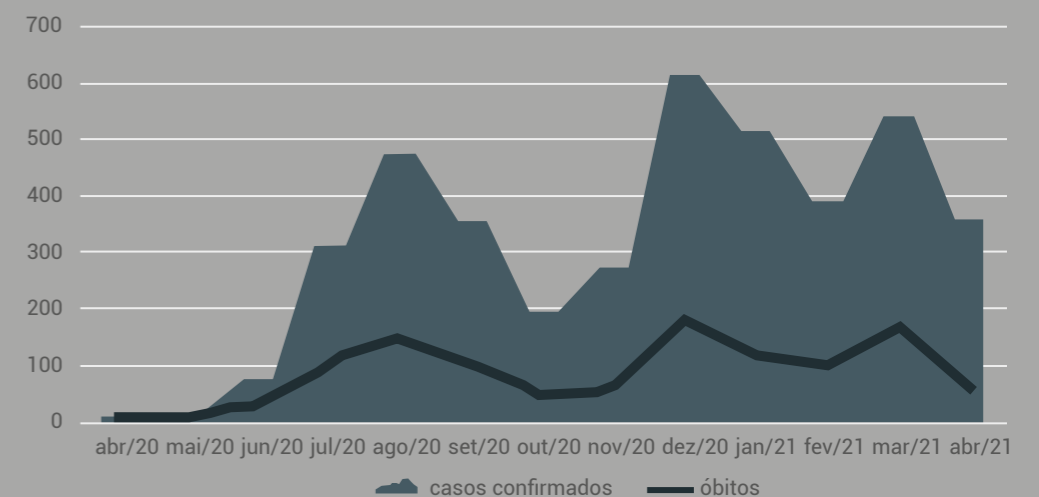
fonte Boletim Epidemiológico - Covid-19, de 30 de abril de 2021, disponibilizado pela SES/MS



TAXA DE ÓBITOS NOS IDOSOS ACIMA DE 80 ANOS

Com início dos efeitos da vacinação, os idosos de 80 anos ou mais apresentaram uma queda de aproximadamente 61% no número de óbitos, comparando os períodos de março e abril de 2021

fonte Boletim Epidemiológico - Covid-19, de 30 de abril de 2021, disponibilizado pela SES/MS



No foco da imunização

Pandemia ameaçou sobrevivência, mas vacinação em 84,57% dos indígenas aldeados de MS trouxe esperança para essa parcela da população

texto e imagens Caio Teruel



Desde o início da colonização portuguesa em 1500 até o século 21, vários foram os desafios de sobrevivência para os povos indígenas. Do surgimento da Gripe Espanhola em 1918, passando pelo sarampo, a varíola, a epidemia do vírus H1N1 e, mais recentemente, a pandemia do novo coronavírus, as populações originárias sofreram perdas devido à ausência de anticorpos e sua consequente maior vulnerabilidade às infecções.

Com base nessas informações históricas, o Ministério da Saúde incluiu a população indígena como um dos grupos prioritários da vacina contra a Covid-19. Para Mato Grosso do Sul, por exemplo, foram encaminhadas 97 mil doses de imunizantes na primeira remessa enviada no dia 18 de janeiro de 2021, sendo que a previsão era vacinar 46.180 pessoas que residem em aldeias do Estado. Por enquanto, de acordo com dados da Secretaria de Estado de Saúde (SES/MS), atualizados até o dia 29 de abril, 84,57% dos indígenas foram vacinados com ao menos a primeira dose, sendo que são necessárias duas para que a imunização seja completa.

Para atingir a meta de 100% de indígenas imunizados, a aldeia ainda precisa lutar contra um outro inimigo: as *fake news*, notícias falsas que circulam na comunidade a respeito da falta de eficácia e dos riscos do imunizante. De acordo com o cacique Jasiel Gabriel, da Aldeia Lagoinha, localizada no município de Sidrolândia, a 75 km de Campo Grande, embora a adesão da comunidade tenha sido positiva, no início houve um receio pelo

imunizante por parte dos indígenas. “Teve muito isso aqui, o pessoal estava assustado falando ‘vai é matar nós, veio para matar a comunidade, para diminuir a população’ e muitos não queriam a princípio. Eu como cacique expliquei. Nós temos aqui um grupo de WhatsApp para essas questões e sempre incentivamos [a vacinação]”, aponta Jasiel Gabriel. Por enquanto, a aldeia vacinou cerca de 480 moradores.

Para o cacique, é importante que os indígenas tenham confiança no imunizante e não desistam da vacinação. Segundo ele, as lideranças precisam dar o exemplo. “Primeiro quem vai tomar é o pessoal líder da comunidade, da educação e da saúde, para trazer confiança para quem não tinha confiança”, relata.

Em fevereiro de 2021, devido à baixa procura por parte dos indígenas, o Distrito Sanitário Especial Indígena (Dsei) autorizou o remanejamento de 13.200 doses para a campanha de imunização de outro grupo prioritário, o dos idosos. Dois meses depois, a SES informou que 1.200 doses de Coronavac foram novamente enviadas à Dsei para que pudessem continuar com a imunização indígena, devolvendo uma parte das doses remanejadas anteriormente.

Infectados

Mais de 47 mil indígenas foram infectados pelo novo coronavírus no País, tendo 661 deles vindo a óbito, conforme dados disponibilizados pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) junto aos Dsei, órgão ligado ao Ministério da Saúde e responsável por gerenciar ações relativas à saúde da população indígena. Ao todo, o Brasil possui 34 Distritos Sanitários espalhados por todo o território nacional. O Dsei

20, responsável por Mato Grosso do Sul, contabiliza até o momento 88 óbitos e 4.349 casos, de acordo com dados do Ministério da Saúde, do dia 29 de abril deste ano.

A Sesai iniciou a vacinação dos povos indígenas em 19 de janeiro de 2021. Em Mato Grosso do Sul, simbolicamente, a primeira pessoa a ser vacinada foi Domingas da Silva, uma indígena de 91 anos da etnia Terena, um dia antes do previsto. No Estado, o número de indígenas é de 79.092 segundo o próprio Dsei, com 26 etnias e 103 aldeias.

O processo de vacinação engloba apenas indígenas maiores de 18 anos e que estejam habitando terras demarcadas pela União. Em todo o Brasil, dos 755 mil indígenas aldeados, 430 mil estão aptos a receber a primeira dose. Já no MS, o segundo Estado com o maior número de indígenas, estão aptos 46.180, conforme dados da Secretaria Estadual de Saúde (SES).

Educação contra a Fake News

A desinformação oriunda de notícias falsas, que tanto afligem as sociedades urbanas e que foram potencializadas por questões políticas, encontrou terreno fértil ao longo da pandemia do novo coronavírus ao lado dos discursos negacionistas. As aldeias indígenas não escaparam desse cenário, o que está impactando diretamente no número geral de vacinados. De acordo com o antropólogo Antônio Hilário, pesquisador e professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o discurso negacionista adentra nas aldeias e espalha a desinformação e o medo.

Para combater esse processo, Hilário relata ações que estão sendo de-



envolvidas tanto nas aldeias quanto fora delas. “A gente tem professores indígenas que eles [os indígenas aldeados] respeitam e entendem completamente, só que por outro lado eles têm o pé na academia, no mundo contemporâneo ocidental, então eles conseguem fazer a tradução e conversar com sua comunidade, convencê-los de que a vacina é uma solução para resolver uma doença que é do branco”, ressalta.

As iniciativas para barrar o negacionismo e impedir mais mortes são ações que provêm de diversas

partes. Hilário cita ainda a criação de cartilhas em línguas indígenas para orientar as populações no que diz respeito aos procedimentos de segurança e de saúde. Sob a orientação do professor e pesquisador da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Neimar Machado, a cartilha traz as informações básicas ao combate do novo coronavírus e adiciona outras que dizem respeito ao próprio universo indígena, como plantas medicinais para fortalecer o sistema biológico e explicações sobre a doença ■

O QUE FAZ DA POPULAÇÃO INDÍGENA PRIORIDADE?

“Eu digo que foi pra mim sentir a liberdade chegando para o nosso povo”, diz o cacique Jasiel Gabriel, sobre a sensação de ser vacinado. O líder, que faz parte de uma aldeia em que praticamente todos já foram vacinados, relata de modo sensível o que foi para ele ter sido privado, ao longo da pandemia, dos rituais, da coletividade e dos vínculos. “Pra nós foi maravilhoso, fiquei satisfeito porque chegou pra nós primeiro, embora tenhamos sido caluniados nas redes sociais e por isso eu fico triste. Mas temos a esperança de voltar a ser o que era antes”, acredita o líder.

O anúncio do Plano Nacional de Imunização e a prioridade indígena trouxe à tona uma série de ataques às populações originárias. Muitos questionaram o porquê de os povos indígenas estarem na fila de preferência da vacinação no Brasil, o que abriu espaço para o preconceito e para o ódio. De acordo com o antropólogo Antônio Hilário, é possível elencar três questões principais para entender essa causa.

A primeira razão é de ordem biológica, o que faz dessas populações indivíduos mais suscetíveis a vírus e infecções, tendo em vista a ausência de anticorpos para diversas doenças. A segunda razão é histórica, no sentido de preservar os povos originários, que ao longo do tempo decaíram rapidamente o número populacional. E por último, a terceira razão é a cultural, a única apontada no Plano Nacional de Imunização, isto é, o formato coletivo de vida propicia rapidamente a disseminação do vírus e amplia o número de contaminação e mortes.

SAÚDE MENTAL

AS DORES DA PANDEMIA

O isolamento imposto pela pandemia levantou questões sobre a saúde mental dos idosos, um dos grupos mais vulneráveis para a Covid-19

texto Caio Teruel

O que no início parecia durar alguns dias, se arrastou por semanas, meses e agora mais de um ano, perdendo-se de vista como parte do cotidiano. Neste balanço de expectativas e frustrações está um dos principais grupos de risco para o novo coronavírus, os idosos. No centro do medo, eles precisam lidar com a solidão, o desgaste da saúde mental e a quebra do convívio familiar, marcada pelo afastamento da família em decorrência do distanciamento social.

Em maio de 2020, a Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou um relatório que chamava a atenção de governantes sobre os impactos para a saúde psicológica das populações em tempos de pandemia. O levantamento indicou um aumento de até 50% no número de casos de depressão e ansiedade em diversos países, sendo que os idosos surgem como um dos grupos mais vulneráveis e atingidos por esse crescimento.

Conforme aponta o psiquiatra Jony Afonso Gonçalves, a própria condição do idoso já o coloca mais suscetível a desenvolver transtornos mentais e sofrimentos psíquicos. Além disso, a pandemia rompeu com o que o médico chama de rede de apoio, afetando diretamente a rotina dos idosos e na saúde mental. “Ela [a pandemia] traz um agravamento maior para o idoso porque

afeta toda a rede de proteção. Normalmente tem aquele amparo familiar, aquele contato com os amigos, as entidades que promovem o bem-estar do idoso, como grupos de idade ou grupos de apoio terapêutico”, afirma o psiquiatra.

Depressão e ansiedade

Muitos são os problemas que a parcela idosa da população pode sofrer devido ao isolamento. Depressão e ansiedade são os quadros clínicos mais comuns, mas outros, como o aumento da solidão, fraturas e até o suicídio podem ocorrer em períodos de isolamento. De acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, menos de 15% dos entrevistados com mais de 60 anos realizam o tempo mínimo de exercícios físicos ao longo do período pandêmico. Além da perda dos benefícios que o exercício físico tem - como redução da glicemia, da pressão arterial e do colesterol, a diminuição da mobilidade pode aumentar as chances de fraturas e quedas.

Mas como cuidar da saúde mental dos idosos em tempos de pandemia? Para o psiquiatra Jony Afonso Gonçalves, o importante neste período é seguir as recomendações de segurança da Organização Mundial da Saúde (OMS), isto é, evitar aglomerações, reforçar a limpeza das

mãos e ao sair de casa fazer uso de máscaras. Em seguida, dar atenção ao idoso, afeto e refazer a rede de proteção dentro dos limites possíveis são algumas das maneiras de promover o cuidado e a melhora da saúde mental. “Não deixe de dar a atenção e o carinho que é uma das coisas que o idoso mais se resente. Isso pode ser feito via telefone ou via ligação de vídeo. E procurar proporcionar o máximo conforto possível, e não faltar o acesso à saúde básica de forma geral”, afirma o psiquiatra ■

BRASIL LIDERA O RANKING EM CASOS DE DEPRESSÃO

Quando se fala em depressão e ansiedade, o uso rotineiro dos termos pode banalizar ou até mesmo diminuir a real importância e o cuidado com tais doenças. De acordo com uma pesquisa de 2019 da OMS, 9,3% da população brasileira convive com o transtorno de ansiedade. O Brasil também lidera o ranking de casos de depressão na América Latina, com mais de 12 milhões de casos, segundo a OMS.

Como aponta o psiquiatra Jony Afonso, o que difere o sofrimento do transtorno psicológico é a intensidade com que tais problemas surgem. A ansiedade se caracteriza como um quadro clínico com diversos níveis e se dá geralmente em reação a situações de medo, dúvida ou perigo. Na maioria dos casos os sintomas se manifestam de forma natural. Já o Transtorno da Ansiedade Generalizada (TAG), é um distúrbio mental que acomete os indivíduos de forma severa, muitas vezes interferindo em diversos âmbitos da vida.

A depressão se classifica como um transtorno mental crônico onde existe uma apatia, uma tristeza recorrente e uma desesperança com o mundo ao seu redor. Estima-se que a doença atinja cerca de 350 milhões em todo o globo, segundo organizações de saúde. A causa da depressão patológica varia, podendo decorrer tanto de predisposição genética quanto de eventos traumáticos, consumo de drogas ou doenças sistêmicas.

MS na rota das vacinas

Cooperação entre instituições de pesquisa possibilitou a participação ativa de cientistas de Mato Grosso do Sul na corrida pela imunização nacional

texto Gabriela Longo | Giovanna Silva | Gabriela Dalago



foto arquivo pessoal

As pesquisadoras de MS, Ana Lúcia Lyrio (à direita) e Izilyanne Hoscher Romanholi (à esquerda), ao lado da coordenadora de operações em projetos clínicos do Butantan, Camila Santos Albuquerque (centro)

Desde o surgimento da Covid-19, a ciência corre contra o tempo em busca de vacinas e medicamentos eficazes no combate ao vírus, meios para reduzir o contágio e frear a pandemia. Antes de serem aprovadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), as vacinas foram submetidas a testes realizados em todo o mundo, inclusive em Mato Grosso do Sul.

Em outubro de 2020, o Governo do Estado, por intermédio da Secretaria de Estado de Saúde (SES/MS), assinou o termo de cooperação técnica para a realização de testes de vacina contra a Covid-19 em território sul-mato-grossense. As pesquisas rea-

lizadas em MS envolveram a vacina BCG, aplicada à população há anos para prevenir tuberculose, e a CoronaVac, imunizante desenvolvido pelo Butantan em parceria com a farmacêutica Sinovac. O estudo com a BCG foi liderado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto de Pesquisa Infantil Murdoch, da Austrália, e tem como objetivo verificar a ação imunizante da vacina contra o coronavírus. Os resultados dessa investigação ainda não foram divulgados.

Já a CoronaVac acabou tornando-se a primeira vacina aplicada no País e em Mato Grosso do Sul e uma das principais frentes de combate ao coronavírus, motivo de orgulho



foto divulgação/Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian

para a infectologista e pesquisadora, Ana Lúcia Lyrio de Oliveira, uma das responsáveis pelos testes no Estado. Para ela, é uma vitória contribuir para a redução do contágio e do número de internações devido à doença. “Vacina é proteção, é a gente evitar que as pessoas internem. A pessoa pode até circular, pode até se infectar, mas tem um quadro leve e isso não ocupa os leitos hospitalares, isso não leva a uma sobrecarga do sistema de saúde”, explica.

Processo

A infectologista e pesquisadora, Ana Lúcia Lyrio de Oliveira, explica que o processo de testes de vacinação não é simples e envolve uma série de cuidados. Antes das pesquisas serem colocadas em prática, é necessário passar pela qualificação do Conselho de Ética e Pesquisa (CEP) e do Conselho Nacional de Ética e Pesquisa (Conep). Após aprovação, as pessoas que se enquadram no perfil estabelecido são convidadas a se inscreverem como voluntárias, onde possuem acesso aos termos, etapas, riscos e benefícios da pesquisa e optam por participar ou não dela, sendo que durante todo o processo há um acompanhamento médico para sanar possíveis dúvidas.

Se o participante assinar o termo, ele passa por uma série de exames para verificar a existência de algum risco. Por fim, acontece um sorteio que irá definir se o paciente receberá vacina ou placebo, onde nem o voluntário nem o pesquisador obtém conhecimento do resultado até o final dos testes. “Um sistema sorteia no Brasil inteiro, em todos os locais onde está ocorrendo a pesquisa. Nós temos três farmacêuticas chamadas de “não cega”, que não têm contato com a gente. São as únicas que sabem o que a pessoa vai tomar”, esclarece Lyrio.

Metade dos pacientes receberam vacina e metade placebo em Mato Grosso do Sul. Após a aplicação, os

pacientes eram monitorados e consultados em relação a sintomas, ou possíveis alterações na saúde, caso houvesse reações adversas das vacinas contra a Covid-19. Todas as queixas eram coletadas e enviadas para o Instituto Butantan, em São Paulo. A partir desses dados, foi criada a bula da vacina.

No Brasil, 13 mil pessoas participaram e contribuíram com a pesquisa. A infectologista explica que após esse período, ocorre a “visita de imunidade”, onde o sangue é colhido para analisar a produção de anticorpos. O processo será realizado durante um ano, para compreender como essa produção se mantém após um longo período de imunização. Os resultados são todos direcionados ao Instituto Butantan e são publicados como artigo científico, com apoio dos principais pesquisadores envolvidos. O documento é utilizado pela Anvisa para autorização provisória, emergencial e definitiva da vacina.

Descrédito

O descrédito da população em relação à vacina influenciou diretamente no número de voluntários. Por ser desenvolvida em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac, o imunizante sofreu uma ampla campanha contra o seu uso, inclusive com a divulgação de notícias falsas.

“Foi uma luta diária para conseguir esses 300 voluntários. Eu consegui a grande maioria no hospital onde trabalho, no Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian, que é onde as pessoas nos conhecem, sabem do trabalho. A gente ficou, na verdade, um pouco constrangido, porque eu tinha reunião com a equipe do Butantan, com os coordenadores nacionais do projeto e falava, o pessoal aqui não quer tomar vacina”, pontua.

Lyrio sentiu-se desanimada em alguns momentos e lembra que diversas vezes precisou recorrer a en-

Entenda a CoronaVac:

O que é: a vacina CoronaVac é feita com o coronavírus inativado (SARS-COV-2) (cepa CZ02). Para produzir a vacina, o vírus é inativado, ou seja, substâncias químicas são adicionadas para que o vírus não seja capaz de causar doença, ficando “morto”. Depois é acrescentado o hidróxido de alumínio, que é uma substância já bem conhecida como adjuvante para que a vacina induza proteção (anticorpos) nas pessoas vacinadas.

Aplicação: o esquema de vacinação é de 2 doses com diferença de 14 a 28 dias entre elas.

Eficácia: a vacina contra o coronavírus obteve 50,38% de eficácia global no estudo clínico desenvolvido no Brasil, além de proteção de 78% em casos leves e 100% contra casos moderados e graves da Covid-19. Todos os índices são superiores ao patamar de 50% exigido pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

Fonte: Butantan

trevistas em meios de comunicação para explicar como funciona a vacina e pedir a participação e apoio da sociedade. “Não foi fácil lidar com o descrédito da população com a vacina. Tive momentos de desânimo, de não entender como pode as pessoas não pensarem no próximo”, ressalta.

A aposentada Anna Loinaz, 83 anos, não deu espaço para as notícias falsas e o descrédito de uma parcela da população. Para ela, cada vez que chegam novas vacinas, a preocupação com a pandemia diminui um pouco. Loinaz tomou as duas doses em março e, por isso, é considerada imunizada. “Espero que a vacinação contribua totalmente para o controle da pandemia e que não haja mais tantas mortes”, conclui ■

Novos caminhos para a educação

Pandemia traçou desafios para a manutenção da educação básica em Mato Grosso do Sul e evidenciou as desigualdades no acesso à internet

texto e fotos André Mazini

Antes da pandemia, a professora Silvana Maciel chegava todo dia mais cedo à escola onde é professora desde 2013. Tomava seu café com os outros educadores, trocava experiências, ouvia histórias dos colegas e seguia para a sala. Ali, no seu espaço, organizava cuidadosamente as carteiras e preparava os materiais da aula

pouco antes das 7 horas, até que o sinal tocava e, uma a uma, as crianças vinham chegando, cheias de histórias para contar. “Eu sempre dava um espaço para eles conversarem até que todos chegassem. Sempre tinha um ou outro que se atrasava um pouco, então normalmente a aula começava por volta das 7h10”, relembra. Esse fragmento de cena cotidiana de uma sala de aula na Escola Municipal Arlindo Lima, de Campo Grande, mostra bem o ambiente recheado de interações humanas em que Silvana, seus 51 alunos e

a maioria do 1,4 milhão de professores brasileiros do Ensino Fundamental se desenvolveram profissionalmente como educadores. Até que chegou 2020. E, com ele, um dos momentos de mais intensas transformações no modelo educacional brasileiro.

Em março daquele ano, só em Mato Grosso do Sul, mais de 200 mil alunos da Rede Estadual de Ensino tiveram as atividades presenciais suspensas e, imediatamente, as aulas a distância tornaram-se realidade. Naquele momento, segundo a doutora em Educação e vice-reitora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Celi Corrêa Neres, “as escolas, de maneira geral não estavam preparadas para as aulas remotas, nem em relação à infraestrutura nem no que diz respeito ao pessoal com formação continuada para trabalhar com as tecnologias digitais”, explica Celi.

De acordo com a educadora, o maior desafio enfrentado nesse período foi - e tem sido - a desigualdade no acesso às tecnologias. “O desafio foi organizar novas formas de conectividade e formação/orientação em serviço para os profissionais em educação. Tivemos de nos reinventar. Outro grande desafio era fazer chegar o conhecimento aos alunos

que em sua grande maioria não tem acesso à internet”, ressalta.

Silvana conhece concretamente a dificuldade de acesso à internet. “Eu não consigo fazer aulas síncronas (em tempo real) diariamente porque gastam muitos dados móveis e são poucas as famílias que contam com internet banda larga em casa”, diz a professora, completando que a maioria das crianças acessa as aulas a partir do celular com dados móveis. Para driblar a dificuldade de conexão com seus alunos via videoconferência, Silvana e os demais professores precisam produzir conteúdo previamente e enviar às mães, pais e responsáveis, para que estes repassem às crianças.

Sucesso

Apesar das dificuldades, o Estado tem registrado casos de sucesso no desenvolvimento escolar durante a pandemia. A Escola Estadual Prof. Emygdio Campos Widal, por exemplo, terminou 2020 com menos de 3% de taxa de evasão escolar, menos que a metade da taxa nacional que, no mesmo período, ficou na casa dos 8,4%, segundo pesquisa do C6 Bank/Datafolha.

À *Corumbella*, a diretora, Fernanda Bucallon, compartilhou sua experiência de adaptação ao novo cenário

junto a sua equipe. “Minha equipe sofreu muito no início, por se cobrar e lógico, serem cobrados por excelência. No começo foram muitas horas a mais de trabalho, agora, após entrarmos no ritmo, estamos vendo este momento como uma oportunidade de descoberta, estudo e aprendizado de novas ferramentas e plataformas. Aprendizado este, que se não fosse a pandemia, provavelmente nunca chegaríamos nesta proporção”, acredita Fernanda ■

INTERNET E ENSINO REMOTO

- **6 milhões** de estudantes brasileiros não têm acesso à internet banda larga ou 3G/4G em casa.
- **5,8 milhões** são alunos de instituições públicas de ensino.
- **4,35 milhões** de estudantes do ensino fundamental estão sem acesso - **4,23 milhões** são de escolas públicas.
- **780 mil** alunos do ensino médio não dispõem de internet em casa - **740 mil** são da rede pública.
- **800 mil** crianças da pré-escola não têm acesso - **720 mil** frequentam o ensino público.

Fonte Pesquisa “Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)

Parcerias com gigantes da tecnologia possibilitaram a continuidade do ensino

Assim como os demais estados brasileiros, Mato Grosso do Sul enfrentou em 2020 o inédito desafio de viabilizar a oferta educacional em meio a todas as medidas de isolamento impostas pelo combate ao novo coronavírus. As aulas no Estado foram suspensas no dia 17 de março e, menos de uma semana depois, no dia 23, já voltavam de forma remota. O retorno contou com orientação da Secretaria de Estado de Educação junto aos professores da Rede que, inicialmente, fizeram uso de plataformas já conhecidas como Whatsapp e Telegram para manter a integração com seus alunos e enviar arquivos úteis ao processo de ensino-aprendizagem.

Nos meses que se seguiram, duas parcerias estabelecidas com o Estado foram realizadas para a consolidação do novo modelo de educação a distância. A primeira delas com a Google, que viabilizou o “ensalamento” e a criação de contas “Gmail” para todos os estudantes da REE - e para os professores. Com isso, eles contavam com uma série de aplicativos que integram o pacote pacote “Google for Education”. A outra parceria de grande impacto foi firmada com a Microsoft, que disponibilizou os aplicativos do pacote Office - de forma gratuita - para todos os estudantes e professores da REE.

Os estudantes sem conectividade, incluindo parcela dos matriculados em escolas indígenas, também foram atendidos por meio das atividades impressas disponibilizadas pelas próprias escolas. O caso mais emblemático é da Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho - Toghpanã, na aldeia Uberaba. Para chegar à aldeia, localizada na Ilha Ínsua, região territorial do município de Corumbá, são necessárias 36 horas de barco desde a área urbana da Cidade. O local fica na divisa de Mato Grosso do Sul com Mato Grosso e a fronteira com a Bolívia, onde vivem 419 índios de 50 famílias. Apesar da distância, o local foi atendido regularmente durante a pandemia, segundo informações da Secretaria de Estado de Educação.



Negócios do futuro

Por meio de parcerias com a Fundect, Estado se consolida como um dos polos em empreendimentos inovadores

texto Diogo Rondon

A sociedade se modifica e evolui dia após dia, num ritmo que desafia cientistas, pesquisadores e todos aqueles que dedicam suas vidas a desenvolver novas ideias, novos produtos ou serviços que causem impacto significativo na melhoria da qualidade de vida da população.

Em Mato Grosso do Sul, o Governo do Estado, por meio da Semagro (Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar) e da Fundect (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia), atua gradativamente na promoção e fomento de chamadas públicas e editais de incentivo ao empreendedorismo e inovação de empresas sul-mato-grossenses.

Um bom exemplo desse compromisso com a inovação é a parceria com a Finep (Financiadora de projetos do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação), que resultou em quatro editais para os empreendedores de nosso Estado, levando o Mato Grosso do Sul a ocupar o 3º lugar no ranking dos Estados no quesito empreendimentos inovadores segundo levantamento realizado pelo Centro de Liderança Pública (CLP).

Programa Centelha

Iniciativa da Finep em parceria com as Fundações Estaduais de Pesquisa, Ciência e Tecnologia, o Programa Centelha tem como grande objetivo incentivar e financiar ideias inovadoras, de pessoas que querem começar a empreender e que precisam de um incentivo para tirar estas boas ideias do papel e transformá-las em negócios que façam a diferença no dia a dia das pessoas.

Em Mato Grosso do Sul, a primeira edição do Programa (Centelha I) selecionou 30 ideias inovadoras de diversos municípios do Estado. Cada uma recebeu até R\$ 60 mil em recursos não-embolsáveis, ou seja, que não se configuram como empréstimo, totalizando R\$ 1.655.000,00 (em recursos do Governo do Estado de MS e Finep).

Entre os selecionados está o projeto da bióloga Lívia Medeiros, que teve a proposta "Ciclo Azul Soluções Ambientais para Resíduos Orgânicos" aprovado no Centelha I.

O projeto consiste na consolidação de um modelo de negócio de um Pátio de Compostagem associado ao incentivo à agricultura urbana no município de Bonito, interior de Mato Grosso do Sul.



foto arquivo pessoal

Lívia criou um projeto, que consiste na consolidação de um Pátio de Compostagem e busca incentivar a agricultura urbana em Bonito (MS)

A proposta de Lívia é formar um Clube de Assinatura da Compostagem, incentivando a comunidade a fazer a correta separação do lixo. Os assinantes receberão a visita de um ciclista em uma bike elétrica que coletará estes resíduos orgânicos para levar até o Pátio de Compostagem.

Ao final do mês, cada cliente receberá um relatório com o resultado de sua "pegada ecológica", além de receber brindes como adubo orgânico, hortaliças e mudas de plantas produzidas junto à composteira.

"O Centelha surgiu para dar o pontapé inicial em nosso negócio, com os recursos estamos adquirindo maquinários que serão de extrema importância para a manutenção do pátio", pontua a bióloga e empreendedora.

E as boas ideias não param. Por esse motivo foi assinada a parce-

ria para a realização do Centelha 2, agora com um investimento de R\$ 3 milhões, que deverão financiar no mínimo 50 ideias em Mato Grosso do Sul. O edital deverá ser lançado ainda no primeiro semestre de 2021.

Programa Tecnova

Outro programa também em parceria com a Finep é o Tecnova, desta vez voltado a empresas sul-mato-grossenses já instaladas e em atuação que estejam desenvolvendo produtos ou serviços inovadores relevantes para o cenário econômico e tecnológico de Mato Grosso do Sul.

O Programa já teve duas edições no MS totalizando R\$ 3,5 milhões em recursos do Governo do Estado e Finep que ajudaram a financiar ideias, como a do empreendedor Renato Paniago, proprietário da empresa Catwork Tecnologia.

A empresa vem desenvolvendo um Sistema de Informação (Gerente Boviplan) para gerenciamento

de empreendimentos rurais que exploram a pecuária de corte, constituindo um produto inovador, comercialmente viável e referência no mercado nacional.

O projeto visa contribuir para o ganho de produtividade efetivo das propriedades rurais. Atualmente o Software Gerente Boviplan atende mais de 200 fazendas no Brasil, Paraguai e Bolívia.

"Com o acesso aos editais de fomento ao empreendedorismo e inovação conseguimos viabilizar os recursos financeiros necessários para a constituição da equipe técnica para a criação, o desenvolvimento e a comercialização deste novo produto para o mercado, dando retorno às instituições e clientes que confiaram na nossa dedicação, comprometimento e capacidade", avalia Renato.

O diretor-presidente da Fundect, Márcio de Araújo Pereira acredita no retorno que estes empreendedores poderão dar ao Estado a partir da inovação e

pesquisa desenvolvida em solo sul-mato-grossense.

"Nas categorias empreendedorismo e inovação, Mato Grosso do Sul ocupa sempre posições de liderança e isso se deve a programas e ações como o Tecnova, como o Centelha, com parcerias com instituições como o Sebrae, a Finep, e tantas outras. O tripé (ciência, tecnologia e inovação), também alinhado à sustentabilidade, tem sido destaque no planejamento das ações que visam o desenvolvimento do Estado", avalia.

"Tanto o cientista quanto o empreendedor brasileiro são verdadeiros guerreiros. E o Estado de Mato Grosso do Sul por meio da Semagro e da Fundect tem feito o seu papel, mesmo em meio a uma pandemia não paramos nossos trabalhos, sempre atrás de parcerias e de bons projetos que possam fortalecer cada vez mais nosso cenário científico, tecnológico e de inovação", finaliza Márcio ■

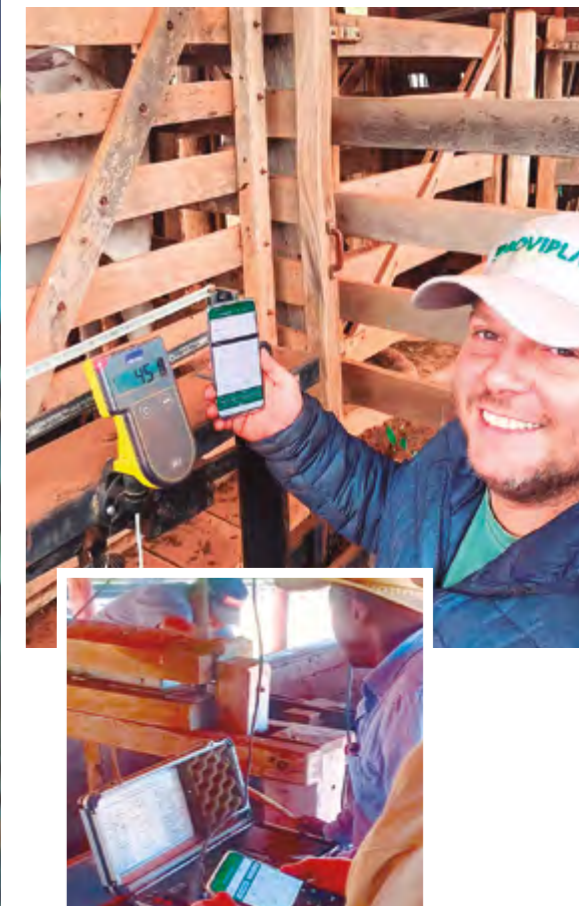


foto arquivo pessoal

Renato Paniago atua na área da pecuária de corte

Sequelas da COVID-19

Pesquisa em MS indica que cerca de 60% dos pacientes que tiveram Covid-19 na forma leve apresentaram dor de cabeça, fraqueza e confusão mental mesmo após quatro meses de cura da doença

texto Naiane Mesquita

Considerada uma patologia nova para a humanidade, a Covid-19 ainda será fruto de muitos estudos científicos, inclusive em Mato Grosso do Sul. Uma das principais dúvidas sobre a atuação do Sars-Cov-2 e suas variantes no organismo, são as sequelas que permanecem após a cura da doença. De acordo com uma pesquisa desenvolvida por cientistas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), os problemas podem aparecer inclusive em pacientes que tiveram a forma leve da doença.

De acordo com o biólogo, professor e pesquisador, James Venturini, os dados preliminares da pesquisa "Aspectos clínicos e imunológicos da Covid-19 em Mato Grosso do Sul" indicam que 60% dos pacientes que tiveram a forma leve da doença, apresentaram algum sintoma de modo prolongado. As sequelas permanecem mesmo após quatro meses de cura da doença, sendo que os mais comuns foram cefaléia (22%), fraqueza (17%), confusão mental/irritabilidade (17%), congestão nasal (15%) e tosse (12%). Também foram relatados casos de mialgia, ou seja, dores musculares (12%), e anosmia, que é a perda parcial ou total do olfato, (12%).

"Nós investigamos pacientes que tiveram a forma leve da doença e não precisaram ser internados. Se-

guimos 40 pessoas, que foram atendidas durante a fase aguda da doença e 30, 60 e 120 dias depois. Nós acompanhamos, fizemos as coletas de sangue e a avaliação clínica", explica Venturini.

Entre os pacientes investigados há homens com faixa-etária de 22 a 52 anos, e mulheres com idade entre 28 e 83 anos. A pesquisa envolve médicos e professores do curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, entre eles, infectologistas, pneumologistas e radiologistas. Todos os pacientes foram atendidos por meio da equipe do Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (HUMAP-UFMS).

De acordo com o professor, é essencial que a ciência monitore as possíveis sequelas para auxiliar em tratamentos futuros. "Eu sou imunologista, nós temos ainda infectologistas e virologistas na equipe. Conversando entre nós, logo que começou a pandemia, nos questionamos sobre possíveis estudos que pudessem ajudar a esclarecer e a melhor compreender a história da doença, como ela se comporta", ressalta.

Não havia na época muitas informações sobre o novo coronavírus. "Eu me interessei também em estudar o processo inflamatório, saber se o processo inflamatório estaria presente depois que as pessoas que tiveram Covid-19 estivessem tecnicamente curadas. Porque já se sabe que o paciente grave tem uma tempestade de citocinas inflamatórias, e que isso gera vários problemas, mas sobre pacientes leves não tem essa informação", explica.










foto divulgação UCDB



foto Prefeitura Municipal de Campo Grande

PRINCIPAIS SEQUELAS EM PACIENTES LEVES

-  **CEFALÉIA 22%**
dor de cabeça
-  **FRAQUEZA 17%**
-  **CONFUSÃO MENTAL OU IRRITABILIDADE 17%**
-  **CONGESTÃO NASAL 15%**
-  **TOSSE 12%**
-  **MIALGIA 12%**
dor muscular
-  **ANOSMIA 12%**
perda de olfato

Fonte: Aspectos clínicos e imunológicos da COVID-19 em MS pictogramas: freepik

infográfico Gabriela Dalago

Segundo Venturini, os pacientes continuaram apresentando uma inflamação baixa mesmo após vencer o vírus. "Para os achados imunológicos, nós dosamos mediadores inflamatórios (IL-beta, TNF-alfa, IL-6 e IL-10) utilizando kits de elevada sensibilidade. Nós observamos que esses indivíduos apresentaram uma inflamação baixa ("low-grade"), porém sustentada, isto é, sempre constante. Assim, nós podemos concluir que a presença de sintomas prolongados ainda é uma realidade em pessoas que tiveram formas mais leves da Covid-19, que não precisaram ser internadas, e que um dos mecanismos associados foi a presença de um processo inflamatório sistêmico discreto, porém persistente", frisa ■

Universidades e prefeitura oferecem tratamento para pacientes com sequelas da doença

As sequelas da Covid-19 podem atingir casos leves e graves da doença, com a necessidade de atendimento multiprofissional, principalmente de fisioterapeutas. Em Campo Grande, a Secretaria Municipal de Saúde tem um ambulatório próprio em parceria com a Associação dos Amigos Excepcionais (Apae), com atendimento gratuito para pessoas que utilizam o Sistema Único de Saúde (SUS). **Informações pelo telefone (67) 3045-5005.**

As universidades também possibilitam esse atendimento sem custos para a população, envolvendo acadêmicos das áreas de saúde. A Uniderp, por exemplo, oferece por meio do Ambulatório de Fisioterapia pós-Covid-19, dedicado ao tratamento de indivíduos com comprometimentos funcionais moderados e graves. O serviço é destinado a pessoas de baixa renda (com até dois salários-mínimos). Os **agendamentos deverão ser feitos pelo telefone (67) 99613-3710**, das 8h às 12h.

Já na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a Clínica-Escola oferece desde 2020 o atendimento em fisioterapia respiratória e motora, gratuitamente, para vítimas da Covid-19. As **consultas devem ser agendadas pelo telefone (67) 3312-3638**, sendo que os atendimentos são realizados das 7h30 às 11h, de segunda a quinta-feira.



Da universidade para a linha de frente

Acadêmicos e professores falam sobre importância da formação universitária no combate ao coronavírus

texto Eduarda Rosa
| Emmanuely Castro |
Rubens Urue

fez um juramento de comprometimento com as pessoas e isso é muito importante para nós, profissionais de saúde”, explica Sindiely.

Joylson Nonato da Silva Estevão, 23 anos, também terminou Enfermagem neste ano e já foi aprovado na Residência Integrada Multiprofissional em Saúde do Adulto e Idoso com Ênfase em Atenção Cardiovascular, no Hospital Universitário Júlio Müller EBSEH/UFMT, em Cuiabá/ MT. Para ele, se formar enfermeiro é um sentimento inexplicável, principalmente devido à pandemia de Covid-19. “A gente percebe que o profissional de saúde é muito importante neste contexto e a Enfermagem, mais ainda. Pois a Enfermagem é uma área na qual você está com o paciente 24h, nossa responsabilidade é estar a todo momento em atenção aos nossos pacientes, afinal, a Enfermagem é a arte do cuidar”, diz Joylson. Ele também conta que, durante os estágios da faculdade, não atuou na linha de frente de Covid-19 em unidade sentinela, mas contraiu a doença em casa. “Foi uma coisa muito difícil, porque minha família inteira teve. Então, eu senti na pele o que esses pacientes estão sentindo e o que estão sofrendo”, destaca.

O coordenador do curso de Enfermagem da UEMS, professor Jair

Rosa dos Santos, enfatiza que a profissão é essencial no serviço de saúde, seja no atendimento hospitalar de alta complexidade ou nas Unidades de Atendimento Primário de Saúde. A Enfermagem atua em todo o Sistema de Saúde desde a gestão, nos setores administrativos até assistência direta ao paciente, do nascimento até a morte. “Mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia, para que pudéssemos dar andamento às atividades de ensino, a união entre docentes, técnicos e acadêmicos da UEMS e as instituições de saúde parceiras como HU/UFMG, Hospital Evangélico, Hospital da Vida, UPA e Secretaria Municipal de Saúde nos possibilitou formarmos 34 enfermeiros e enfermeiras em fevereiro deste ano. Estes que, certamente, estarão atendendo a sociedade com excelência e fazendo a diferença no atendimento prestado”, afirma Jair Rosa dos Santos.

Durante a pandemia provocada pelo vírus Sars-Cov-2, a UEMS formou a primeira turma do curso de Medicina, com um total de 47 médicos advindos das cinco regiões do Brasil e de 14 Estados. Dos formados na turma “Dr. Flávio Renato de Almeida Senefonte”, 16 são de Mato Grosso do Sul, 12 de São Paulo, três de Minas Gerais, dois do Rio de Ja-

Em um período no qual a recomendação para a população em geral sempre foi o famoso “fique em casa”, os profissionais da saúde tiveram que seguir um direcionamento oposto, uma vez que integram a linha de frente na batalha pela vida contra a Covid-19 - a primeira grande pandemia mundial do século 21. Nessa perspectiva, a formação desses profissionais com qualidade e comprometimento humano, cada vez mais, tornou-se uma questão de responsabilidade multifatorial, exigindo grande em-

penho e dedicação por parte das universidades.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) absorve essa responsabilidade social com os cursos ligados à saúde: Medicina, em Campo Grande, e Enfermagem, em Dourados. Em 2020 e 2021, esses dois cursos formaram 81 novos profissionais, sendo 47 Médicos e 34 Enfermeiros, que já atuam em diversas áreas, envolvidas ou não com a pandemia.

Sindielly Aparecida Silva Oliveira é uma dessas novas profissionais.



foto arquivo pessoal

Acima, a enfermeira Sindielly vai atuar na área de obstetrícia

foto Luis Melendez - unsplash

Ela saiu de Bela Vista para Dourados para cursar Enfermagem e se formou no último dia 12 de fevereiro. Já aprovada na Residência em Obstetrícia no Hospital Universitário de Dourados, Sindielly conta que mesmo não trabalhando na linha de frente de combate à Covid-19, ainda sente uma certa tensão por estar tão perto da pandemia. “Por não estar em contato direto, não sei bem como está sendo para os profissionais de saúde lidar com a pandemia. O que sei é que quem está lá, está porque gosta, porque



foto arquivo pessoal

Recém-formado em Enfermagem pela UEMS, Joylson já está atuando na área



foto Yuri Marinho

Maria Carolina (de óculos à direita) é egressa da primeira turma de Medicina da UEMS

neiro, um de Pernambuco, um de Tocantins, um da Bahia, dois de Goiás, dois de Mato Grosso, um de Rondônia, três do Paraná, um de Alagoas, um do Piauí e um do Maranhão. Ao todo 30 mulheres e 17 homens, sendo três cotistas indígenas e nove cotistas negros integram a turma.

Maria Carolina Garbeline, egressa da primeira turma de Medicina da UEMS, conta que, apesar da insegurança gerada pela pandemia, tanto em aspectos emocionais, quanto acadêmicos, acredita que foram bem orientados pelos professores do curso. “A cobrança de estar se formando em meio à pandemia foi ainda maior. Nos unimos nessa reta final do curso e acredito que tenhamos atingido os objetivos esperados para a nossa formação. O sentimento é de muita gratidão por ter conseguido formar, mesmo em meio a pandemia e poder atuar na linha de frente”, destaca Maria Carolina.

A acadêmica Ana Gabriela Júlio Camargo, que cursa o 6º ano de Medicina na UEMS, ressalta que a

formação acadêmica está sendo muito importante durante a pandemia, “pois tivemos que assimilar muitos conhecimentos técnicos, principalmente os relacionados ao ambiente hospitalar, para elaborar protocolos e tratamentos a partir do zero. Eu acho que foi uma questão informativa, pois tivemos que fazer o combate às *fake news* com muita ênfase com o objetivo de levar esclarecimentos sobre a produção de vacina, por exemplo”. Ela também ressalta que ter a certeza de que o paciente está com Covid-19 traz medo e insegurança para o profissional da saúde.

“Ao mesmo tempo é um privilégio estarmos atuando neste momento, principalmente nós, acadêmicos, e os médicos que acabaram de se formar que são jovens, que não fazem parte do grupo preferencial”, relata. A futura médica complementa: “a gente ver pacientes que chegaram em hospitais em estado de saúde ruim, que chegaram lá infectados e saíram do hospital muito bem, saíram tendo uma nova perspectiva de vida, renascidos. A gente perdeu



foto arquivo pessoal

Ana Gabriela (à esquerda) é estudante do 6º ano de Medicina

muita gente, isso foi muito triste, mas ao mesmo tempo ajudamos a renascer muita gente e renascemos junto com os nossos pacientes”, detalha Ana Gabriela.

Internato de Medicina

Em fevereiro de 2020, o Governo do Estado assinou um convênio com 25 municípios de MS para o internato regional dos acadêmicos de Medicina da UEMS. Durante o ano de 2020, alunos do último ano de Medicina foram enviados para os municípios aos pares e ficaram no regime de internato por sete semanas, onde tiveram a experiência médica na prática de atendimento no inte-

UEMS

rior do estado - o internato é uma exigência do curso de Medicina da Universidade.

O coordenador do curso de Medicina da UEMS, Fábio Paes Barreto, relata que, com a pandemia, o internato dos 47 alunos em 25 municípios de MS tomou outra dimensão. “Os alunos ficaram mais tempo nos municípios, sob as orientações dos médicos locais e também sob a supervisão dos professores presencial ou remotamente. Com isso garantimos o ensino de qualidade e a formação da primeira turma”, explica o coordenador do curso de Medicina da UEMS. Com o final do internato, em setembro, os alunos puderam realizar as provas teóricas e práticas para assim se graduarem em outubro de 2020.

Relevante

O Secretário estadual de Governo, Eduardo Riedel, considera extremamente relevante a formação desses profissionais para o Estado, destacando que, em 2015, o governo estadual investiu mais de R\$ 1,5 milhão na melhoria da infraestrutura, contratação de docentes e aquisição dos materiais didáticos para a formação de novos profissionais, em particular no curso de Medicina, no entanto, justamente no ano da formatura, veio a pandemia e seus inúmeros desafios. “Apesar de todas as adversidades que impediam, principalmente, o estágio prático nos hospitais, os alunos conseguiram se formar dentro do prazo. Isso só foi possível graças ao convênio de internato regional firmado pelo governo estadual com 25 municípios, em que os alunos puderam vivenciar a prática médica conhecendo ‘in loco’ a realidade e dificuldades da saúde pública nos municípios. Essa conquista deve ser celebrada reconhecendo-se o empenho do corpo docente e da gestão da UEMS além, obviamente, do comprometimento dos próprios alunos e parceria dos municípios”, ressaltou Riedel.

A vice-reitora da UEMS, Profa. Dra. Celi Corrêa Neres, detalha sobre a importância da Universidade dentro do cenário da pandemia em relação às diversas iniciativas para a população do Estado.

“A UEMS tem contribuído com ações e atividades de enfrentamento da pandemia em várias frentes, seja por meio da formação de profissionais nos quadros da saúde, especificamente, nos cursos de Enfermagem e Medicina, ofertados, respectivamente nas Unidades de Dourados e Campo Grande”

“A UEMS tem contribuído com ações e atividades de enfrentamento da pandemia em várias frentes, seja por meio da formação de profissionais nos quadros da saúde, especificamente, nos cursos de Enfermagem e Medicina, ofertados, respectivamente nas Unidades de Dourados e Campo Grande”. Celi informa que, inclusive, no caso de egressos destas áreas, as Colações de Grau foram adiantadas, uma vez que “os calendários acadêmicos e a vigência dos programas de estágio são permitidos por legislação estadual”. Tal dinâmica colaborou para que os profissionais da saúde, uma

vez formados, já pudessem atuar diretamente nas linhas de frente de combate à pandemia da Covid-19.

Em outras frentes, a vice-reitora da UEMS ressalta que a Universidade tem contribuído por meio de diferentes projetos de pesquisa, “principalmente com mapeamentos e estudos desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar que envolvem pesquisadores da área da saúde, geografia, geoprocessamento, matemática, estatística. O foco deste grupo é o monitoramento e demais estudos que convirjam em uma forma mais eficiente de combater a transmissão do SARS-COV-2”, afirma. Ela também cita o trabalho dos formandos, com o cumprimento de estágios obrigatórios, em sistema de Internato. “Ações de Extensão também foram realizadas neste período, seja aquelas voltadas à produção de Manuais Instrucionais, caso do confeccionado em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde voltado para as Instituições de Longa Permanência de Idosos, seja com a realização de cursos de formação de curta duração, no apoio à vacinação e, ainda, na produção de máscaras”, afirma Celi.

No eixo da comunicação institucional, a vice-reitora faz questão de destacar a importância de ações voltadas a campanhas de esclarecimento e de conscientização sobre hábitos preventivos da Covid-19, bem como de depoimentos de especialistas, numa postura que marcou um posicionamento da Universidade em favor da ciência, justamente quando enfrentamos em nível global a proliferação de discursos negacionistas e de *fake news*. “Nas redes sociais, visamos produzir vídeos com a opinião de docentes, pesquisadores e materiais informativos voltados para a Covid-19. Matérias jornalísticas foram produzidas, lives temáticas foram realizadas visando a promoção da real compreensão sobre a pandemia”, finaliza Celi ■

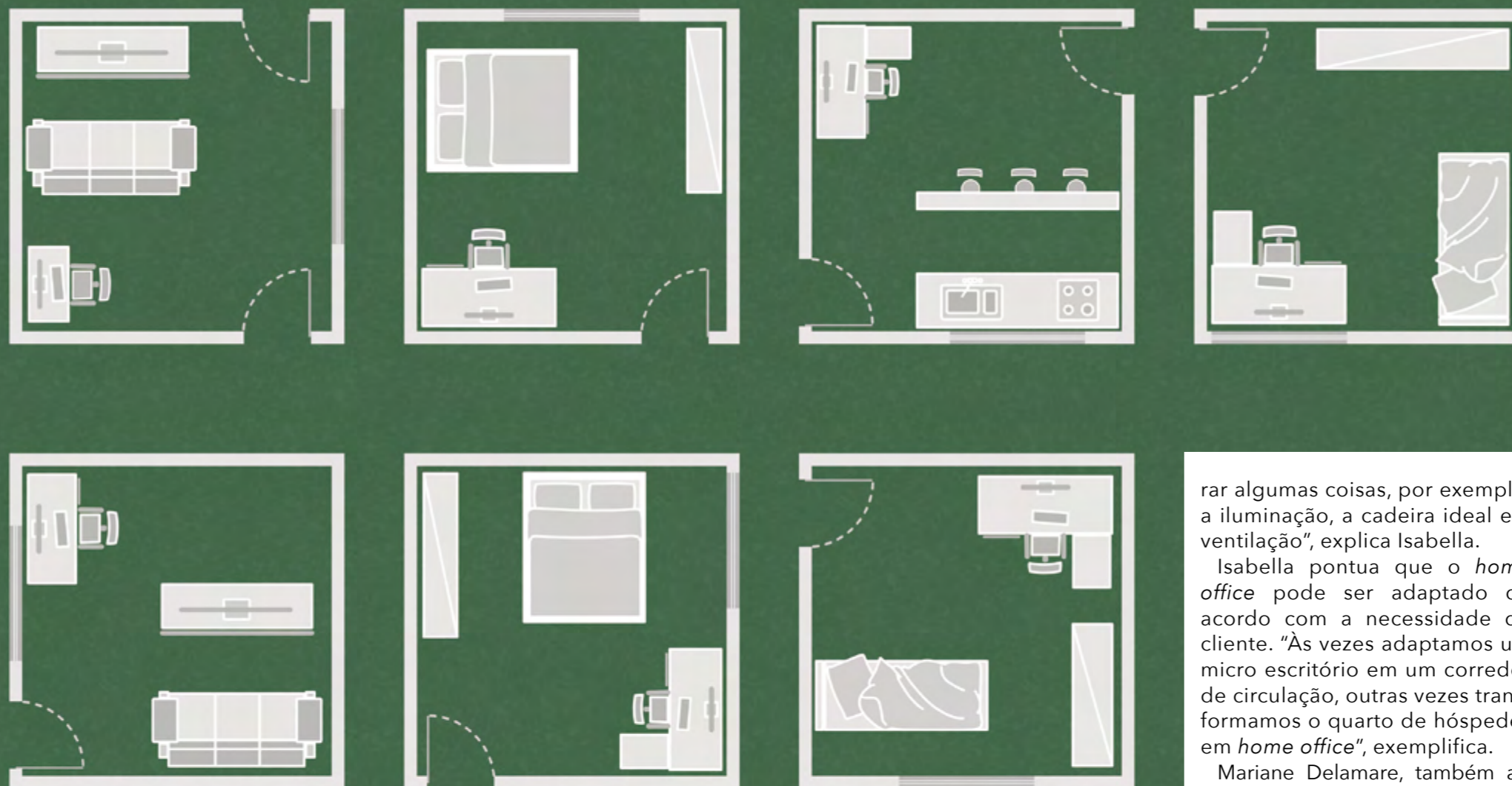


ilustração Gabriela Longo

Arquitetura do confinamento

Pandemia transformou o cotidiano e moradores precisaram readaptar a rotina abrindo espaços para ambientes de trabalho e estudo em casa

texto Gabriela Longo | Giovanna Silva | Gabriela Dalago

Nas ruas, máscaras cobrindo os rostos que se aventuram ao ar livre. Nas casas, inquietude, medo e uma rotina completamente diferente. Desde março de 2020, quando a pandemia do novo coronavírus tornou-se parte da realidade de milhares de sul-mato-grossenses, o cotidiano precisou ser reorganiza-

do. As salas de aulas e os ambientes de trabalho foram confinados a um cômodo, normalmente sem estrutura para comportar todas as necessidades do morador. Em pouco tempo, a expressão em inglês *home office* lotou as redes sociais para indicar uma nova urgência, a de se ter um escritório em casa.

De acordo com a arquiteta e urbanista, Isabella Ghetti, ao se pensar em um *home office* é preciso ter alguns pré-requisitos em mente. “Desde o ano passado, quando começou a pandemia, as pessoas perceberam a necessidade de se ter um local para trabalhar em casa. E a criação desse espaço tem que conside-

rar algumas coisas, por exemplo, a iluminação, a cadeira ideal e a ventilação”, explica Isabella.

Isabella pontua que o *home office* pode ser adaptado de acordo com a necessidade do cliente. “Às vezes adaptamos um micro escritório em um corredor de circulação, outras vezes transformamos o quarto de hóspedes em *home office*”, exemplifica.

Mariane Delamare, também arquiteta e urbanista, concorda com Isabella. Segundo a profissional, o crescimento do setor de construção civil e design de interiores durante a pandemia é uma prova da necessidade que as pessoas sentiram de adaptar as suas casas. “Quanto mais as pessoas ficaram confinadas em casa, maior foi a demanda por adaptações, por renovar, por limpar e, de alguma forma, mudar aquele ambiente em que você está inserido”, frisa Mariane.

Adaptações

O acadêmico do curso de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Lucas Souza, conta que foi motivado a realizar modificações em seu espaço após o início da pandemia. “A gente começou a ficar muito tempo em casa e eu queria um ambiente em que eu me sentisse com vontade de estar”, afirma.

No caso do estudante, o foco principal para as adaptações foi o quarto, por ser o ambiente onde passou a permanecer a maior parte do tempo, assistindo às aulas e executando as atividades de seu estágio em *home office*. “O meu quarto não me deixava com essa vontade de estar em casa, de achar bonito, confortável, e como esse é o ambiente em que eu passo mais tempo, eu decidi mudar e fazer as coisas”, ressalta.

Para economizar dinheiro, Lucas fez tudo por conta própria para deixar o local agradável. “Primeiro mudei a parede, depois comecei a procurar alguns objetos antigos para decorar,

principalmente os que estavam guardados aqui em casa porque eu não queria gastar muito dinheiro. Também comecei a ler sobre essa parte de decoração e ver vídeos”, frisa.

Devido à crise financeira ocasionada pela disseminação da Covid-19, investir em uma grande reforma pode não ser uma opção para muitos brasileiros e a criatividade pode ser uma grande aliada para conquistar um ambiente tranquilo e silencioso com adaptações simples no layout e organização dos móveis. “É importante tentar o máximo possível com a organização do ambiente e com os móveis que você já possui criar uma ambiência, que não é um ambiente fechado, mas você tem uma ambiência que facilita a concentração, cores trabalhadas com esse propósito, reorganização dos móveis, onde está seu foco, como é a iluminação desse ambiente. Não precisa muito para criar um ambiente em que você consiga ficar minimamente mais focado”, explica Mariane.

Corpo e mente em sintonia

As dificuldades do *home office* vão muito além da estrutura. Postura correta, tempo de trabalho e foco estão entre as principais dificuldades de quem tenta manter uma rotina mais próxima do cotidiano anterior na nova realidade. “O *home office* é solitário e envolve um automonitoramento na produtividade e uma readaptação no ambiente domiciliar. O nosso ambiente de trabalho é naturalmente organizado para nossa produtividade, contamos com as adequações necessárias, horários determinados, início e fim de jornada. Em *home office* teria que funcionar da mesma forma, para não perder a produtividade e as metas pessoais e

profissionais. O estabelecimento de um local determinado poderá auxiliar nesta organização”, explica a neuropsicóloga, Jeane Rocha Araújo.

Mas nem sempre esse cuidado vem em primeiro lugar. Segundo a pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 35% das pessoas entrevistadas relataram sentir aumento de dor nas costas após o início do isolamento social.

“**o nosso ambiente de trabalho é naturalmente organizado para nossa produtividade, contamos com as adequações necessárias, horários determinados, início e fim de jornada. Em *home office* teria que funcionar da mesma forma, para não perder a produtividade e as metas pessoais e profissionais**”

“Vejo que a parte principal de se trabalhar ou estudar em casa, é estudar a ergonomia”, afirma Samara

de Farias, designer de interiores. Para ela, os espaços de trabalho precisam focar na saúde física e mental do trabalhador, inclusive com noções de ergonomia, que estabelece algumas orientações para evitar dores e lesões durante o período de trabalho.

“Só de você estar estudando sobre ergonomia e saber a postura correta de se sentar na frente de uma mesa ou um computador, uma postura que não vá deixar com fadiga muscular, mesmo estando em uma cadeira totalmente não ergonômica já ajuda bastante”, conclui Samara.

Se a pandemia levou à modificação dos espaços das casas, a



foto Fellipe Lima

perspectiva do futuro é de que esses espaços serão incluídos nos planejamentos. “Antes da pandemia, a gente tinha muito a questão de apartamentos pequenos e casas menores, porque as pessoas trabalham fora, quase não ficam em casa. Com a pandemia isso mudou completamente, as pessoas só ficam em casa. Isso trouxe uma grande necessidade de mudança nessas questões de projetos, então tenho certeza de que após a pandemia as pessoas vão querer ampliar seus espaços para ter um ambiente de trabalho dentro de casa e também de lazer”, acredita Samara ■



foto arquivo pessoal

Faz mais de um ano que o Brasil mergulhou, e permanece imerso, na pandemia provocada pelo vírus Sars-Cov-2, causador da Covid-19. De 24 de fevereiro de 2020, data do primeiro caso confirmado em terras tupiniquins, para cá, a doença trouxe diversos impactos para a vida moderna, incluindo a economia.

As medidas de distanciamento social, queda na confiança, perda de renda, problemas no comércio internacional, entre outros, contribuíram para levar o desemprego para 14,1 milhões de brasileiros com uma diminuição de 11,3 milhões de postos de trabalho em 12 meses, isto considerando que o mercado de trabalho já enfrentava desafios antes mesmo da pandemia. Os dados são de setembro de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além do desemprego, a crise econômica brasileira ainda tem no pacote a alta do dólar e a inflação. Instabilidade que abala um dos pilares da economia: a confiança.

Para o doutor em economia, Mateus Boldrine Abrita, professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a retomada da economia será possível após uma vacinação em massa que levará, a longo prazo, ao restabelecimento da confiança. Além disso, o investimento em novos empreendimentos está relacionado com a confiança e previsibilidade para que seja possível um plano de negócios minimamente robusto.

“Atualmente, temos incertezas no âmbito sanitário, incerteza política, incerteza jurídica, incerteza econômica, incerteza social e tantas outras. Um certo nível de incerteza é inerente à sociedade, contudo parece que elevamos este nível para um patamar ainda mais alto. Isto, somado a diversos outros desafios, pode ser desastroso

E para a economia, tem vacina?

Entenda como a confiança do consumidor e a vacinação contra Covid-19 podem impactar a economia

texto Liziane Zarpelon

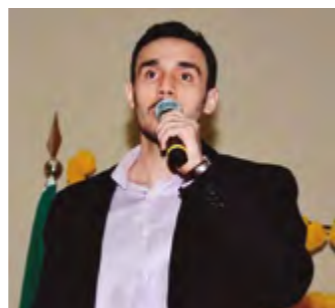
para o crescimento econômico. Essa incerteza pode ser verificada pela alta expressiva do dólar frente ao real, através dos índices de confiança do consumidor e do empresário e também no âmbito global”, explica Abrita.

Não há uma vacina para proteger a economia contra crises, porém, a imunização contra uma doença pandêmica traz benefícios que serão sentidos mundialmente, como o retorno mais seguro ao trabalho e à produção. “Com a redução no nível de incerteza, gradativamente a confiança do consumidor e do empresário tende a ter elevação, o que resulta numa retomada da atividade econômica. Em especial os setores mais beneficiados são aqueles que dependem mais do contato, como a economia da cultura, shows, viagens, turismo, ou seja, tudo que depende de aglomeração e contato tende a ter um grande auxílio”, pontua Abrita.

A imunização contra a Covid-19, além de trazer um estímulo econômico positivo também tende a desacelerar os gastos com saúde. De acordo com estudos de uma empresa de soluções de gestão de saúde (Planisa), o custo médio diário de internação crítica de um adulto com Covid-19 (UTI) foi R\$ 2.102,00.

O economista e docente da UEMS ainda traz dados do Banco Mundial que apontam um crescimento em torno de 4% durante o ano de 2021, isto se ocorrer um cenário com controle da pandemia e vacinação em massa ■

“Um certo nível de incerteza é inerente à sociedade, contudo parece que elevamos este nível para um patamar ainda mais alto. Isto, somado a diversos outros desafios, pode ser desastroso para o crescimento econômico



Mateus Abrita, professor doutor em Economia

Ciência em época de distanciamento

Pesquisando uma parte importante da cultura de MS, bolsista superou distanciamento da pandemia e continuou com investigações à distância

texto Naiane Mesquita

A pandemia da Covid-19 transformou também a forma como uma pesquisa é realizada. Com exceção de algumas investigações práticas, a maioria dos estudiosos precisou se contentar com a mediação das telas para continuar com o trabalho.

O estudante de doutorado Flávio Faccioni, 24 anos, desenvolve a pesquisa “Mato Grosso do Sul: entre cordas e versos”, em que estuda as canções do cantor e compositor Paulo Simões, desde 2020, ano em que a pandemia do novo coronavírus começou. Para ele, um dos principais desafios de fazer ciência durante o avanço da Covid-19 foi lidar com o isolamento social. “O que eu mais senti foi a questão do isolamento e das inter-relações. Na minha área, nós temos muitas aulas, discussões em sala, as conversas de corredor que também contribuem para o desenvolvimento da pesquisa. Isso foi um fator muito difícil para mim”, ressalta.

Faccione integra o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas (CPTL) e sua pesquisa tem financiamento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect). A tese de doutorado desenvolvida pelo estudante faz parte da linha de pesquisa em “Estudos linguísticos”, com orientação da Profa. Dra. Claudete Cameschi de Souza.

“No projeto tenho me dedicado às composições do Paulo Simões, que é cantor e compositor sul-mato-grossense. Ainda não tenho um objetivo muito claro, mas estamos entre observar as representações que ele tem de Mato Grosso do Sul e os aspectos fronteiriços presentes nas canções”, pontua. “Outro ponto da pandemia é que devido à Covid-19, precisei evitar o diálogo presencial com o Paulo Simões, que contribui muito para a pesquisa”, complementa.



Flávio Faccione, estudante de doutorado em Letras na UEMS
foto arquivo pessoal

Desafios e conquistas

Apesar da pandemia, Faccione ressalta que um dos lados positivos foi a oportunidade de participar de aulas on-line em outras universidades brasileiras. “Fiz algumas disciplinas na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e isso ajudou bastante”, frisa.

Além disso, o estudante aproveitou para participar de um edital pela Lei Aldir Blanc em Três Lagoas, que dialoga com a pesquisa de doutorado. “Quando na cidade de Três Lagoas abriu o edital Aldir Blanc, eu vi a possibilidade de desenvolver um projeto que rememorasse a história do trem em Mato Grosso do Sul e fui aprovado. Esse projeto é conectado, não intrinsecamente, mas conectado com o doutorado. Eu fiz um evento em abril sobre o trem e a Noroeste do Brasil em Mato Grosso do Sul, por meio deste edital”, frisa. O evento on-line teve palestras com pesquisadores do País e a participação do cantor e compositor Paulo Simões.

Para o pesquisador, no fundo, as canções que integram a sua pesquisa deram força para continuar com as investigações e o estudo de doutorado. “Eu sempre ouço as canções, no carro, em casa, justamente por causa da pesquisa. E elas acabaram me tocando muito, até de emoção, de chorar. Uma em especial fez isso que é Velhos Amigos, essa é autoral apenas do Paulo, quando ouço lembro dos meus amigos e conectando agora com a pandemia e as restrições, sempre me vem lágrimas nos olhos” ■

ENCON- TROS E DESEN- CON- TROS

texto Naiane Mesquita



foto Vaca Azul

Um dos setores mais atingidos pela pandemia, a arte, precisou se reinventar e migrar para o formato online

A arte sempre se beneficiou da presença. O teatro, a dança, o cinema, a música, as artes plásticas e tantas outras manifestações encontram na reação da plateia parte de sua vivacidade. Com a pandemia do novo coronavírus, a rota precisou ser recalculada e o que antes era feito presencialmente, migrou para plataformas tecnológicas, acelerando processos e rompendo barreiras.

Para o professor e pesquisador em teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Matheus Vinícius Fernandes, antes da pandemia, era difícil imaginar uma apresentação de teatro por meio da internet. “Estávamos estudando justamente isso com os alunos do curso de teatro. Antes da pandemia, o conceito, a principal questão ao se estudar teatro e dança na contemporaneidade era a presença. A pre-

sença estava muito ligada à questão física, ao encontro, o dialógico e a recepção (como é chamado o espectador no teatro). A recepção tinha tudo a ver com o estado de presença, desse encontro dialógico, do corpo, do ator e da atriz em cena”, explica Fernandes.

O vídeo no teatro era visto como apenas uma oportunidade de registro da arte. “Não era teatro em si, porque o teatro se dá apenas na presença física, no aqui e no agora. Por ser uma arte efêmera, o teatro se considerava dessa forma. A pandemia nos obrigou a rever essas questões e a entender outras possibilidades, como a virtualidade”, pontua.

Durante o avanço do Sars-Cov-2 pelo mundo, a arte se transformou. Para estar junto do público precisou do wi-fi. Surgiram apresentações de teatro por plataformas de videoconferência, as lives se popularizaram pelo Brasil e o *streaming* cresceu de vez. Prova disso, foram os grandes estúdios que precisam renunciar a estreias espetaculares em cinemas, pela simplicidade de um play em casa. “No caso do cinema, isso já era

uma tendência que existia por conta da comodidade. Se eu posso assinar uma plataforma de *streaming* por R\$ 30, porque eu vou pagar R\$ 20 no ingresso para ver um filme no cinema? Nem todos os filmes estão nessas plataformas, mas até a indústria teve que aceitar esse tipo de intervenção tecnológica. Antigamente, seria impossível pensar que plataformas como a Netflix poderiam concorrer ao Oscar”, explica o pesquisador.

Experimentos

O grupo sul-mato-grossense de teatro Fulano di Tal foi um dos que seguiram em frente e experimentaram novas possibilidades durante a pandemia. Com o espetáculo “Outros dois”, inspirado na obra “Aque-

les Dois”, do escritor Caio Fernando Abreu, o grupo uniu teatro e dança, presencial e virtual, para criar uma performance híbrida.

Ao invés de palco, o bailarino Irineu Junior e os atores Edner Gustavo e Marcelo Leite foram para o centro de Campo Grande, percorreram pontos emblemáticos da cidade e realizaram a performance ao vivo. Para assistir, apenas pela internet, por meio da plataforma Zoom. “Essa proposta do espetáculo já foi pensada para este momento, para o modo on-line, como que a gente faria esse espetáculo por meio de plataformas digitais, pensando essa dramaturgia do vídeo”, explica Edner. O resultado foi uma mistura da dança, do teatro e do cinema. “Uma

grande performance no meio da rua, cada um com seu celular e seu tripé”, complementa o ator.

Para ele, o processo foi desafiador. “Estamos acostumados com a cena acontecendo naquele momento, com o público sentindo a nossa respiração, vendo a gente suar, vendo o nosso nervosismo disfarçado ali dentro da cena. O desafio foi como trabalhar essa presença para dentro dessa plataforma, como a gente consegue usar tudo aquilo que estudamos no teatro aqui dentro”, frisa. A realização da peça teve investimentos da Lei Aldir Blanc 2020, por intermédio da Prefeitura Municipal de Campo Grande, através da Secretaria de Cultura e Turismo (Sector) ■



foto Vaca Azul



foto Vaca Azul

porque quando a ciência fala, a gente escuta!



@midiaciencia



Mídia Ciência



Mídia Ciência

www.midiaciencia.com

acompanhe o **MC+** nas
redes e ajude-nos a
compreender o mundo
pelas lentes da ciência

o **Projeto Mídia Ciência** é composto por profissionais de comunicação das mais diversas áreas, com o objetivo principal de popularizar a ciência no Estado e no país, mostrando à população, com uma linguagem direta e objetiva, o que vem sendo feito nos espaços científicos e de que forma o trabalho destes pesquisadores pode afetar (e afeta) o dia a dia das pessoas.

PROJETO **MÍDIA+
CIÊNCIA**

de Jornalismo
Científico

REALIZAÇÃO



SEMAGRO
Secretaria de Estado de Meio Ambiente,
Desenvolvimento Econômico,
Produção e Agricultura Familiar



GOVERNO
DO ESTADO
Mato Grosso do Sul